

# Psicopedagogo

perfil profissional em conflito



Edição  
Fac-similar

Marisa Potiens Zilio



# Psicopedagogo

perfil profissional em conflito



Marisa Potiens Zilio

# Psicopedagogo

perfil profissional em conflito



Edição  
Fac-similar

*méritos*  
editora

© 2011 – versão livro em papel – Livraria e Editora Méritos Ltda.  
[ 2021 – versão fac-similar em e-book ]

Rua do Retiro, 846  
Passo Fundo - RS - CEP 99074-260  
Fone: (54) 3313-7317  
Página na internet: [www.meritos.com.br](http://www.meritos.com.br)  
E-mail: [sac@meritos.com.br](mailto:sac@meritos.com.br)

Charles Pimentel da Silva  
Editor

Jenifer B. Hahn  
Auxiliar de edição

Vanessa Alcaráz  
Mídia

Leo Hélio Dellazzari  
Revisor

◆ Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.

Partes deste livro podem ser reproduzidas ou transmitidas, desde que citados o título da obra, o nome da autora, da editora e os demais elementos de referência, conforme normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Z69p    Psicopedagogo : perfil profissional em conflito / Marisa Potiens Zílio. – Passo Fundo: Méritos, 2011.  
100 p.

ISBN 978-85-89769-91-4

1. Educação especial 2. Psicologia da educação 3.  
Psicopedagogia I. Zílio, Marisa Pottiens II. Título.

CDU 376

---

Ficha catalográfica elaborada por Rafael Antunes dos Santos CRB10/1898


Impresso no Brasil

*Aos meus pais, pela vida;  
Ao Juarez, Luciana,  
Andréa, Pietro e Luís Paulo,  
pelo amor;  
À Deus, pelos dons;  
Aos amigos, pela crença;  
Ao Prof. Mosquera, pela  
sábia orientação.  
Aos profissionais  
entrevistados, gravados  
em fitas e vídeo, pelo  
compartilhamento de seu  
saber.  
Ao Albino, pelo  
companheirismo e apoio.*





# Prefácio



Começo a apresentação do livro de Marisa Potiens Zilio falando por onde ela começa seu objeto de estudos que consiste tanto em compreender a identidade da psicopedagogia como a do psicopedagogo. Ela conclui seu expressivo trabalho concordando com a Associação Brasileira de Psicopedagogia, que define, resumidamente, o psicopedagogo como um *profissional da educação e da saúde, que, por sua formação interdisciplinar, estaria apto, auxiliado por especialistas, a sondar, diagnosticar, analisar, tratar, acompanhar, auxiliar, criar, pesquisar, restaurar todas as questões ligadas aos processos de aprendizagem, motivado por verdadeiro amor e profundo respeito.*

Antes, porém, de chegar a esse entendimento, a autora palmilha por diversos caminhos até explicar a identidade, as responsabilidades e os papéis do psicopedagogo.

Marisa faz um estudo dos fundamentos pedagógicos e psicológicos iniciando pela Psicologia da Educação. Aí repousa uma questão muito elucidativa, pois avança numa compreensão histórica das relações entre educação e psicologia. Essa parte de seu estudo não somente diz respeito a quem busca entender a psicopedagogia, mas a quem se preocupa com as relações entre a psicologia e a educação.

Assim, ela vai adiante prevendo o foco de seu trabalho que é encontrar um método da disciplina mental, pois a finalidade principal da instrução é exercitar as faculdades dos alunos, para o que se escolheu como objeto de ensino,

com maior intensidade na atenção, concentração, raciocínio e memória.

Vai mais além e entra no mérito de suas preocupações que é a psicopedagogia.

É recorrente, em suas afirmações sobre a psicopedagogia, a ideia da interdisciplinaridade dessa ciência, afirmando: *É condição, na sua formação, esta visão interdisciplinar. Seus conhecimentos fundamentam sua ação, que perpassa da clínica à instituição, da reelaboração da capacidade de aprender à criação de uma teoria, do diagnóstico à análise, da análise ao prognóstico, do atendimento à criança ou àquele que aprende, à família e à instituição.*

Aprofunda a interpenetração científica da psicopedagogia ao analisar as implicações das relações dessa ciência com as outras ciências e dela mesma, no que diz respeito ao desenvolvimento da aprendizagem.

Para não laborar sozinha, Marisa investe longamente com diversos autores no universo de seu objeto de preocupação. Reside aí outra questão importante para quem pretende lidar com a psicopedagogia, seja por preocupação profissional, seja por interesse educacional.

Depois desses caminhos cheios de novidades, o estudo entra vigorosamente na questão da identidade do psicopedagogo.

Aí reside sua perspicácia solidária e pessoal ao afirmar que *o psicopedagogo não pode partir de conceitos, preconceitos, a priori estabelecidos pela ciência. A ela caberá construir a ciência psicopedagógica que se movimenta diante de cada nova situação ou fenômeno da aprendizagem.*

Marisa, então, labora ainda mais e muito bem ao afirmar: *ao buscarmos a identidade, deparamos-nos com o profissional cuja cientificidade apoia-se no subjetivo, na interação que permite uma leitura-escuta que vai além da ação, da linguagem*

*implícita ou explícita, e pede passagem ao íntimo do ser para ver e resolver a situação que o aprisionou, como diz Alicia.*

O estudioso ou simplesmente o leitor preocupado com a educação vai certamente entender que a identidade desse profissional está ligada a sua ética, a sua postura teórica, à forma de abordagem multi e interdisciplinar, ao seu “pensar a criança” que cresce e aprende e ao seu campo de ação.


Mostra a autora em seu estudo que o psicopedagogo lida também com as patologias da aprendizagem, inserindo seu cliente ou clientela num processo melhorado de aprendizagem, com a finalidade de torná-los aptos para uma leitura de mundo e a exercitar sua humanidade mais plena e sua cidadania mais responsável. Assim, o psicopedagogo tem compromisso com o indivíduo, com as instituições nas quais trabalha e com os sentimentos que os povoam. Enfim, o psicopedagogo é um pensador e um mediador de pessoas melhores, enquanto as torna habilitadas em compreender as realidades que as circunscrevem.

Ao fazer essa apresentação pretende-se apenas dizer que não dá para perder o aprendizado suscitado pela leitura que nos é oferecida.

Agostinho Both  
Passo Fundo,  
primavera de 2011



# Apresentação



Esta obra nasceu da dissertação de mestrado *Psicopedagogia: um perfil profissional em conflito*. Já fazia algum tempo que procurava os limites ideais do que poderia ser tratado como relevante o do que poderia ser dito como especial ser transformado em um livro que somasse para o conhecimento científico.

Busquei então nas falas de todos entrevistados da pesquisa acadêmica os significados que estruturaram este estudo. No entanto, priorizei sete depoimentos que respondem mais claramente às questões ligadas à identidade do psicopedagogo.

E todo o relativo à sintonia profissional é especialmente útil principalmente quando vivemos em períodos como este: de mudanças rápidas nas ciências, nas tecnologias, nos papéis e nas relações sociais, nos valores, nos novos costumes. Estas são as instabilidades que estão a influenciar também a ação psicopedagógica.

Hoje o ensino ficou mais condescendente, mas não necessariamente melhor. É possível perceber os problemas nas crianças, nas propostas pedagógicas e no ambiente escolar, mas nem sempre se consegue solucioná-los. Aqui entra o papel e o conhecimento psicopedagógicos.

Hoje temos que estudar muito e mais rapidamente que outrora.

Esta realidade nos faz ter um olhar sobre o número de obras que são publicadas com temas pertinentes à psicopedagogia, e não podia ser diferente. Temos também que ter a coragem de mudar, de reconstruir nosso pensamento, mas sem esquecer de que o homem sempre será o homem, com uma inteligência acumulada, cultuada, mas também com corpo, organismo, espírito, alma, sentimentos e é deste homem por inteiro que devemos nos ocupar.

Seus conhecimentos e seus pensamentos por certo evoluíram ao longo dos anos, mas seus fundamentos, suas crenças e o significado de suas crenças foram construídos nos alicerces de seus pensamentos.

A obra tenta também ser um desafio à construção de um pensamento muito íntimo e pessoal do que pensamos ser o psicopedagogo e a sua tarefa.

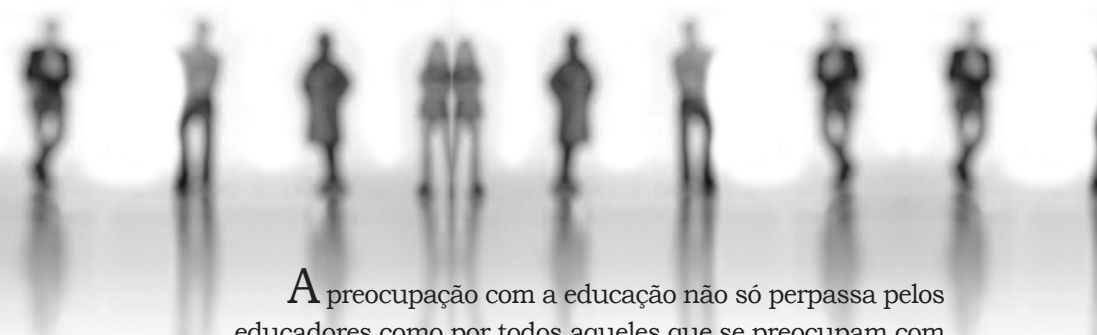
# Sumário

PREFÁCIO.....	9
APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	17
A CONSTRUÇÃO DO PENSAR PSICOPEDAGÓGICO.....	21
A INTERDISCIPLINARIDADE NA TEORIA E NO PERFIL PSICOPEDAGÓGICO .....	29
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PSICOPEDAGOGO .....	35
<i>O testemunho de Aglael Luz Borges.....</i>	39
<i>O testemunho de Alicia Fernandez.....</i>	43
<i>O testemunho de Lino de Macedo.....</i>	51
<i>O testemunho de Maria Helena Novaes.....</i>	55
<i>O testemunho de Marta Khol de Oliveira.....</i>	57
<i>O testemunho de Sônia Fonseca .....</i>	68
<i>O testemunho de Wilma Barbosa .....</i>	74
O PSICOPEDAGOGO .....	83
<i>Identidade .....</i>	84
<i>Funções e atribuições.....</i>	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	93
REFERÊNCIAS.....	97





# Introdução

A row of blurred silhouettes of people walking in a line across the top of the page, creating a sense of movement and a human presence.

A preocupação com a educação não só perpassa pelos educadores como por todos aqueles que se preocupam com os destinos da humanidade.

*Façamos de conta que a criança é um operário e que a finalidade de seu trabalho é produzir o homem. Os pais fornecem, é verdade, a este trabalhador, os meios essenciais de vida e de trabalho construtivo, mas o problema social referente à infância, considera-se de bem maior importância, porque o trabalho da criança não produz um objetivo material, mas cria a mesma humanidade: não uma raça, uma casta, um grupo social, mas, a humanidade inteira (MONTESSORI, sd, p. 19).*

Quando pais, médicos e professores ocupam-se da criança, investindo em seus conhecimentos, suas possibilidades na construção deste novo ser, não apenas o fazem individualmente, mas como diz Montessori, investem na construção da humanidade.

As ciências avançaram e com elas o conhecimento do ser humano, a ponto de comprometer nossas consciências com a construção de um ser mais pleno, mais feliz e mais digno.

Na medida em que avançamos nesses conhecimentos, cresce o número de serviços que colocamos à disposição dessa humanidade que desejamos mais perfeita. São inú-

meras as especializações e os avanços gerados por este investimento dos envolvidos no cuidado à criança. E o psicopedagogo nasceu destas necessidades e desses avanços.

Como especialista, constrói seus fundamentos teóricos nas ciências pedagógicas e psicológicas. Os avanços de ambas muito contribuíram para a definição de suas técnicas de trabalho.

Durante a gestão 89/90, a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) elaborou um documento sobre a identidade profissional do psicopedagogo: “A psicopedagogia é a área que estuda e lida com os processos de aprendizagem e suas dificuldades” (Boletim n. 18, ABPp, 1990, p. 5).

Sabemos que não somente o psicopedagogo lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades. Também o fazem o reeducador, muitas vezes sinônimo de psicopedagogo, o orientador educacional, algumas vezes o próprio psicólogo, o próprio professor, o psicomotricista e outros.

A insuficiência da definição aliada à prática, à teoria, ao papel e à função, que pouco constroem o perfil deste profissional, foi alvo de nossa procura através de uma história que ainda é relativamente curta.

A imposição deste profissional vem sendo reforçada pela limitação que a própria escola encontra para solucionar seus problemas de aprendizagem. Quando ABPp define o psicopedagogo como o profissional que estuda os processos de aprendizagem supõe dois campos de ação – um teórico e outro prático. Este último realiza-se, preponderantemente, na escola. Desse modo, é relevante entender, também, esse profissional como um terapeuta de aprendizagem, das dificuldades e dos problemas do aprender, num contexto cultural, político e social onde sua ação adquire significado.

Ao psicopedagogo, ficam impostos, desde logo, conhecimentos que devem perpassar pela psicologia e pela pe-

dagogia. Somos dependentes da psicologia em quase todas as relações de conhecimento e das ciências humanas, mas somente o psicopedagogo legitima uma articulação entre as duas áreas de conhecimento, criando uma nova área, atuando de forma independente.

Como diz Macedo, 1991, referindo-se aos que pensam os problemas de aprendizagem como exclusivos da psicologia: “A estes eu lembraria, por exemplo, que se pode, no mínimo, considerar os problemas de aprendizagem em duas perspectivas: uma específica e outra genérica. O específico é, obviamente, exclusivo dos psicólogos”. Mais adiante, o autor nos diz: “Só eles podem, no contexto do consultório ou da clínica, intervir nas razões inconscientes ou nos aspectos comportamentais que inibem o conhecimento intelectual de uma criança na escola” (1991, p. IX).

O distúrbio ou a dificuldade de aprendizagem podem ter como princípio ou causa problemas orgânicos, sociais, culturais, emocionais e só pertencerão à psicologia enquanto influenciarem o comportamento.

Como tributária da pedagogia, Macedo prossegue dizendo:

*Tanto em termos gerais (como estudar, organizar-se para as tarefas escolares, ler, escrever, como raciocinar etc...) como em termos específicos (alfabetização, matemática, linguagem etc...) tanto em uma perspectiva individual (ou clínica) como coletiva (ou institucional) ele só pode fazê-la em uma perspectiva genérica e circunstancial desse processo. (1991, p. 10)*

Faz parte da psicopedagogia, portanto, definir e utilizar a articulação entre essas duas ciências: pedagogia e psicologia.

Temos uma dimensão muito clara: de um lado, a criança que não aprende e, de outro, a escola que não ensina ou não pode ensiná-la. A ação psicopedagógica pode resgatar a saúde da criança e da escola.

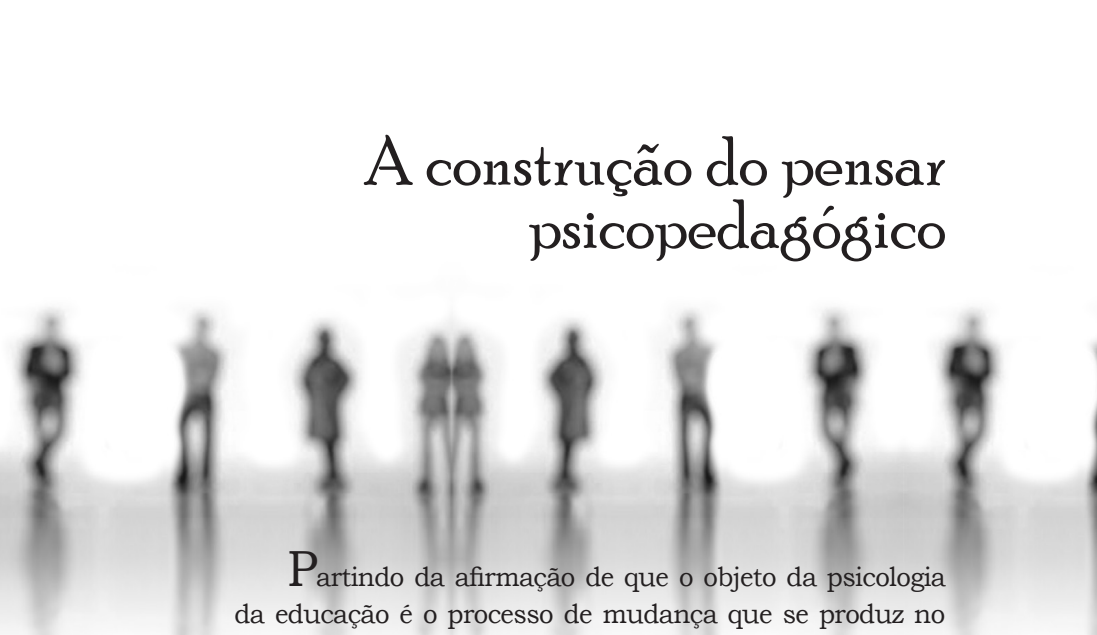
Não é uma área que surgiu por acaso, mas pela necessidade de, como diz Montessori, “resgatar uma humanidade mais digna e mais inteira, onde todos possam beneficiar-se de sua capacidade tão especial de aprender” (sd, p. 19).

Encontramos muitas dificuldades não apenas relativas ao conhecimento desse profissional, mas à interpretação e ao reconhecimento dos processos de aprendizagem e suas dificuldades; às situações socioeconômicas que impedem o acesso aos especialistas; aos desenganos da própria escola que, em desconhecendo os problemas do ensinar e do aprender, omite, estigmatiza, paternaliza, bloqueando as ações preventivas e terapêuticas, não intervindo eficazmente nas condições e nos problemas da criança.

O papel do psicopedagogo ganha, dessa forma, uma amplitude maior, quer por seu fazer preventivo ou terapêutico, quer por sua ação junto ao professor, aos especialistas escolares, à família e à criança, ou melhor, àquele que aprende, quer ainda por sua força política e pedagógica em analisar e interpretar questões relativas ao fracasso escolar. Esse campo de ação tão amplo exige, sem dúvida, um conhecimento multi e interdisciplinar.

Existem outros conflitos que dizem respeito ao conhecimento legal da profissão, a uma unidade epistemológica, que gostaríamos de analisar; porém, o propósito deste trabalho é interpretar o pensar dos psicopedagogos (ao menos de uma amostra) a respeito da formação, do campo de ação e da relação que estabelecem entre as ciências. Construímos alguns capítulos com tecitura teórica, tentando resgatar a história que foi escrita a respeito dessa ciência, para poder compará-la aos relatos de nossos entrevistados. Dividimos em três capítulos nosso propósito: a construção do pensar psicopedagógico; as questões da interdisciplinaridade na definição da teoria psicopedagógica e do perfil do psicopedagogo e, finalmente, a opinião dos psicopedagogos acerca de sua identidade.

# A construção do pensar psicopedagógico



Partindo da afirmação de que o objeto da psicologia da educação é o processo de mudança que se produz no ser humano como consequência de sua participação em atividades educativas e de aprendizagem, refletiremos a trajetória desta ciência, a história e a evolução de seus princípios e de sua praxis.

As influências da psicologia sobre a educação encontram particular fundamentação no pensamento de Aristóteles, proposta que está na origem da Psicologia das Faculdades, teoria psicológica que, com suas reformulações, perdura até nossos dias. De Juan Louis Vives (1531), especialmente em *De tradutis disciplinis*, referindo-se ao pensamento aristotélico, nos faz as seguintes recomendações: organizar temporalmente as ações para poder memorizá-las com mais facilidade; considerar importância ao exercício e ao interesse, como fatores determinantes da aprendizagem. Recomenda levar em conta as diferenças individuais, sugere que a verdadeira aprendizagem repousa sobre a própria atividade do sujeito que aprende. No século XIX, a Teoria das Faculdades teve vigência absoluta no mundo todo.

A filosofia e a psicologia tangenciam-se, fundamentando-se esta naquela e influenciando concomitantemente a educação.

Postula-se que a realidade é redutível a algumas estruturas básicas, identificáveis mediante a observação. Estas estruturas constituem o conhecimento verdadeiro da realidade e são descritas através de uma linguagem simbólica, como a forma do discurso linguístico, da fórmula química, das equações matemáticas etc. Estas representações simbólicas das estruturas da realidade constituem o conteúdo da aprendizagem do aluno, o qual possui as faculdades que lhe permitem estabelecer associações e combinações destes símbolos. Como as faculdades variam de pessoa para pessoa, também varia a capacidade de estabelecer associações e composições com as representações simbólicas, caracterizando-se assim as diferenças individuais.

Disso resulta a segunda influência importante na educação, relacionando-se com os currículos escolares que consistirão em um conjunto de representações simbólicas da realidade externa, organizados em sequência lógica.

Finalmente, justifica-se o método da disciplina mental, pois a finalidade principal da instrução é exercitar as faculdades dos alunos, para o que se escolheu como objeto de ensino, com maior intensidade na atenção, concentração, raciocínio e memória.

Esta teoria educativa, de natureza filosófica e psicológica, foi evidenciada com muita ênfase por dois autores europeus que tiveram grande influência no século XIX: Pestalozzi e Herbart.

Pestalozzi fundou uma escola, na Suíça, para formação de mestres, onde propunha a necessidade de se adotar uma perspectiva psicológica para abordar os problemas educativos. Defendia a visão da educação centrada no aluno, ou seja, as características individuais devem ser levadas em conta para planejar o ensino. Foi Herbart, porém, quem realmente buscou, de forma consciente, fundamentar a pedagogia na psicologia; no entanto, sua psicologia está profundamente inspirada na metafísica.

Herbart, antes de tudo um filósofo que vê na educação a aplicação de sua filosofia: “A Filosofia Moral”, disse: “indica a pedagogia qual o objetivo a alcançar, porém, é a psicologia que proporciona os meios” (HERBART apud COLL, 1988, p. 17).

A contribuição mais significativa de Herbart foi a reformulação da Lei da Associação, de Locke, e da doutrina das faculdades, que se transformou numa teoria da aprendizagem, chamada Teoria da Percepção.

*A alma manifesta uma tendência a aumento e conservação de tal maneira que as sensações e ideias que vão formando permanecem nela e influenciam o aprendizado posterior; estas ideias e associações que são fruto da experiência constituem uma massa perceptiva, um jogo de representações, que exercem uma influência tanto maior sobre as experiências posteriores quanto mais elevado for o nível de consciência do sujeito (COLL, 1988, p. 17).*

No final do século XIX, a tendência em elaborar uma teoria educativa independente da filosofia tornou-se marcante, tendo sido este o período de criação dos cursos de Pedagogia, principalmente nos Estados Unidos. O mesmo ocorre com a Psicologia que começa a distanciar-se da Filosofia, buscando sua independência como ciência. O método experimental introduzido na psicologia de James e Wundt foi o instrumento que a psicologia encontrou para separar-se definitivamente da filosofia e iniciar sua conversão em disciplina científica autônoma. Na medida que a Psicologia aparece como ciência, na década de 1880, inicia-se a Psicologia da Educação.

Até o início do nosso século, as maiores inovações pedagógicas consistiram em elaborar propostas para melhorar a organização dos conteúdos de ensino, ainda de acordo

com a Teoria das Faculdades. Com a mudança de século, começam os movimentos renovadores da educação.

Na Alemanha, Kerchensteiner promoveu a criação de escolas do trabalho em oposição ao ensino livresco; na Itália, Montessori iniciou um movimento de ensino que influenciara muitos países, baseado na liberdade e na formação da consciência; na Bélgica, Decroly sugeriu que o ensino deveria ser organizado em função de centros de interesses. Apesar das divergências entre as várias teorias educativas surgidas naquele período, todas tinham em comum o postulado de que é necessário conhecer melhor o aluno para poder educá-lo melhor.

Esta ênfase na importância de conhecer melhor o aluno é reforçada pelos trabalhos de Psicologia da Infância, que começam a se desenvolver neste mesmo período. Um dos autores mais representativos da psicologia da criança foi Claparède.

*Parece uma verdade elementar que a pedagogia há de repousar sobre o conhecimento da criança, do mesmo modo que a horticultura repousa sobre o conhecimento das plantas. E sem erro, é algo ignorado pela maioria dos pedagogos e por quase todas as autoridades escolares (CLAPARÉDE apud COLL, 1988, p. 23).*

O trabalho de Claparède abrange numerosas áreas, dentre elas a Psicologia Aplicada à Educação. Em 1912, criou um Instituto de Psicologia Aplicada à Educação.

Entre suas afirmações, disse que a educação ou o processo educativo não deveria ocorrer por medo ou recompensa, se não pelo interesse profundo nos conteúdos que precisam ser assimilados.

*(...) a criança deve sentir o trabalho escolar com um objetivo desejável em si mesmo, a educação se proporá fundamentalmente ao desenvolvimento das funções intelectuais e morais, deixando de lado os objetivos*



*puramente memorísticos, sem relação com a vida da criança; a escola será ativa (...) a principal tarefa do professor consistirá em estimular os interesses da criança e despertar suas necessidades intelectuais, afetivas e morais; a educação será individualizada (CLAPARÉDE apud COLL, 1988, p. 25).*

Também os pensadores pragmáticos passaram a aliar Filosofia, Psicologia e Educação e nesta escola destacou-se Dewey. Sua Filosofia, conhecida como instrumentalismo, é uma variante do pragmatismo e concebe os sistemas normativos como instrumentos destinados a descobrir a melhor forma de comportamento. Dewey aproxima-se de Claparède quando afirmou que uma teoria psicológica só poderia ser avaliada pelas suas aplicações práticas, destacando a vontade, o sentimento e o conhecimento (instrumento intelectual) como meios desencadeantes das atividades necessárias para alcançar os objetivos.

Não podemos deixar de citar Charles Judd (1873-1986), cuja obra está marcada pela preocupação de refletir a prática educativa, transformando a Psicologia da Educação numa Psicologia Escolar, cuja prioridade é a melhoria da qualidade educativa. Enquanto os psicólogos enfocavam o indivíduo, as diferenças individuais como objeto de estudo, ele pensa o social, o currículo, a organização como meio ou fonte do processo, alegando que a criança aprende pela experiência social acumulada.

Nos estudos das diferenças individuais que também influenciaram a Psicologia da Educação, a presença de Binet e Simon é importante, reforçando a psicologia individual, as diferenças de inteligência, a classificação da normalidade e da anormalidade e o grande impacto sobre o estudo destas diferenças e da construção de provas psicométricas.

A história da Psicologia da Educação teve um momento importante em 1942, com a publicação do *Year book of the National Society for the study of education*. Esta obra reúne as

teorias de aprendizagem, com análise das mesmas por seus autores, destacando-se Guthrie, Hull, Lewin, Gates e Stanford.

Nesta época, Genovardi e Gotzens (1942) marcaram dois aspectos importantes na evolução da Psicologia da Educação: a substituição gradual do conceito de medida psicológica, pelo de avaliação do progresso educativo e a aproximação mútua entre a Psicologia da Educação e a Psicologia Social. E inicia-se também o estudo dos fenômenos de grupo e sua dinâmica graças, principalmente, aos trabalhos de Mayo, Moreno e Lewin (1949).

A principal razão da complexidade atingida pela Psicologia da Educação prendia-se à tentativa de elaborar uma teoria educativa que respondesse a critérios científicos.

Os limites da Psicologia da Educação cresceram, tornando-se cada vez mais difícil pensar seu objeto de estudo, pois nele incluem-se processos de aprendizagem individual e grupal, critérios de organização dos conteúdos escolares, a avaliação das diferenças individuais, elaboração de instrumentos de avaliação e comparações de métodos de ensino.

No final da década de 70, a Psicologia da Educação ganhou novo impulso com o apoio dos países desenvolvidos que tinham como objetivo assegurar que o sistema educativo pudesse responder às expectativas de contribuir com o desenvolvimento científico e tecnológico para formação adequada de novas gerações. No entanto, a crise econômica dos anos 70 e os poucos resultados conquistados com o processo educativo fizeram com que o desencanto tomasse conta de todos com relação à educação. Porém, fruto de intenso trabalho, a Psicologia da Educação firmou-se, ainda que com a crise, como disciplina psicológica que conhece os maiores progressos e atrai um número maior de psicólogos.

Por volta de 1980, foi definida como “disciplina-ponte”, por Roberto Glaser, por fazer o vínculo e por não poder agir independentemente de suas ciências básicas sem, contudo, reduzir-se a elas (GLASER, 1973, p. 28).

A Psicologia da Educação, como disciplina-ponte, implica o estudo simultâneo de três elementos: a aprendizagem, o aluno e o sistema de ensino em interação com o contexto dos processos de ensinar e de aprender.

Não podemos, no entanto, esquecer que a educação tem outro sentido, o de atuar sobre a pessoa, para torná-la capaz de adaptar-se a um modelo previamente escolhido.

Mialaret (1960) propõe o termo “pedapsicologia” para a análise dos componentes psicológicos em situações educativas (MIALARET, apud COLL, 1988, p. 136).

Em resumo, ao longo do caminho, criou-se um conceito de que a Psicologia da Educação não é simplesmente uma teoria ou um campo de aplicação da Psicologia Geral, Evolutiva ou Diferencial, mas uma disciplina aplicada, cujo centro é a Educação. Entende-se, assim, que deverá possuir um corpo de conhecimentos relevantes para teoria e prática e uma atividade científica de investigação. Tendo seu objeto próprio, não ficará reduzida a um simples campo de aplicação.

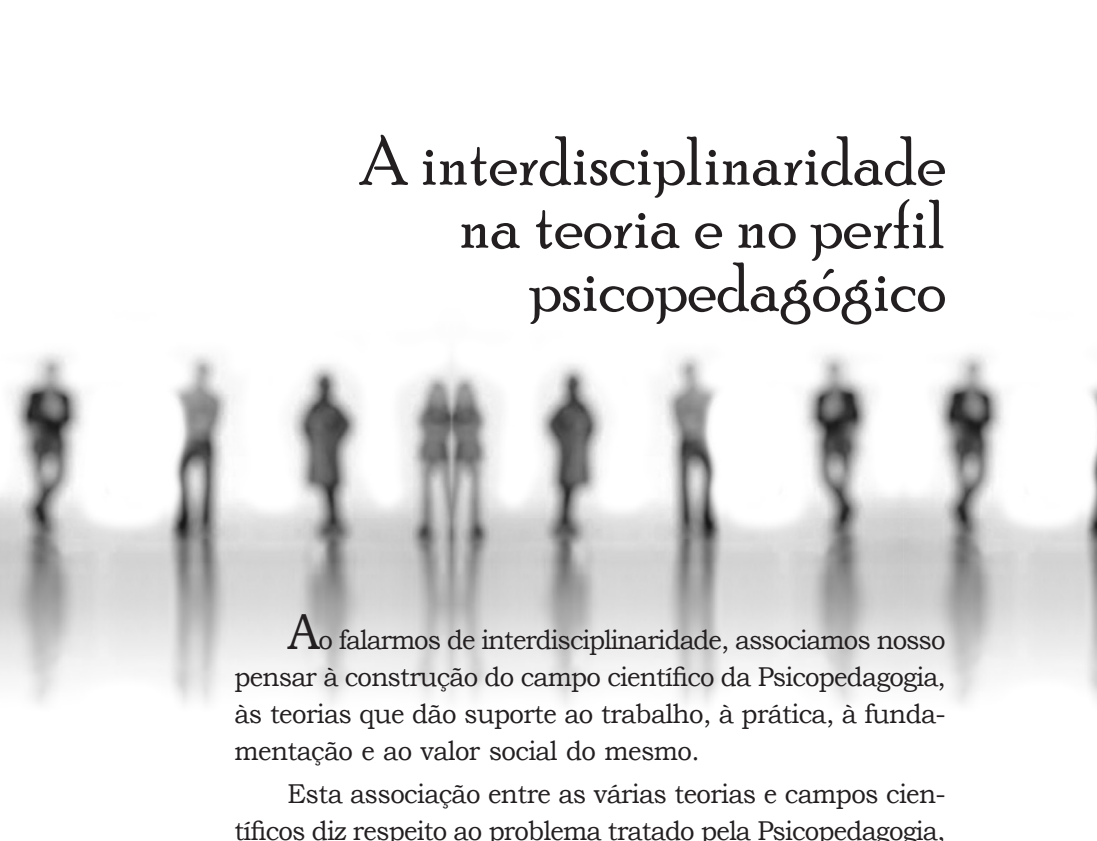
A substituição do termo “pedagogia” por “Ciência da Educação” contempla modificações significativas quanto ao estudo e ao entendimento do fenômeno educativo. Aponta para a interdisciplinaridade em primeiro lugar.

A unidade, antes mantida pela Filosofia, faz-se em torno do objeto comum – a realidade educativa. A concepção didático-praxista da teoria pedagógica é substituída pela necessidade de uma compreensão global do fenômeno educativo. As Ciências da Educação obrigam a distinguir três blocos de postura epistemológica: “A Ciência da Educação como campo prático de saber, a Ciência da Educação concebida como uma praxiologia e a Ciência da Educação como ciência específica construída através da interdisciplinaridade” (MARRO, apud COLL, 1988, p. 150).

Nesta análise da trajetória da Psicologia da Educação, pudemos perceber a necessidade da construção de outro capítulo em nossos estudos, da interdisciplinaridade, para compreensão da Psicopedagogia como uma ciência unitária, autônoma, integradora das diferentes disciplinas de base.

Poderíamos até questionar os termos da Psicologia “na” Educação e Psicologia “da” Educação. “Na” representa o primeiro momento histórico que revela uma penetração do conhecimento da ciência Psicológica na Pedagógica. “Da” indica posse, propriedade. Não se trata de outra Psicologia, mas de uma ciência única e distinta, o que nos leva a refletir a sua interação com as outras ciências da Educação.

# A interdisciplinaridade na teoria e no perfil psicopedagógico



Ao falarmos de interdisciplinaridade, associamos nosso pensar à construção do campo científico da Psicopedagogia, às teorias que dão suporte ao trabalho, à prática, à fundamentação e ao valor social do mesmo.

Esta associação entre as várias teorias e campos científicos diz respeito ao problema tratado pela Psicopedagogia, *a aprendizagem*, que tem sua origem no desenvolvimento do ser humano, na sua cultura, no seu ser biológico, no seu ser emocional e no seu ser social.

A compreensão da aprendizagem reside na medida em que podemos envolver vários aspectos: neurológicos, psicológicos, sociológicos, pedagógicos e outros. Uma abordagem única ou disciplinar não daria conta da complexidade que envolve o fenômeno.

Linhares (1987) aponta que a interdisciplinaridade pode englobar em si mesma conceitos e práticas distintas e até mesmo antagônicas.

Ao falarmos em equipe multidisciplinar, estamos nos referindo a vários componentes, cada um abordando o fenômeno por um ângulo, para depois poder compreendê-lo na sua totalidade. Ao falarmos, porém, em interdisciplina-

ridade, pensamos na análise de cada elemento como parte de um todo e de suas relações, que se relaciona, opera e influencia o todo.

Interessa-nos a interdisciplinaridade, que, na expressão de Linhares (1987), é uma concepção nova de ciência, não um catálogo de fatos, mas uma organização intelectual que analisa o fenômeno na sua totalidade, não o reduzindo a partes somadas.

Na evolução histórica da educação, vimos as grandes mudanças que se operaram a partir do advento da Psicologia e do surgimento da Escola Nova, enfatizando o atendimento às necessidades afetivas do aluno, a compreensão de seus motivos individuais, o emprego de métodos ativos, centralizando no aluno as questões relativas à educação. Incumbiu-se, desta forma, a escola, da tarefa messiânica de educar o “homem todo”, como se a pudesse executar sem a participação de todos.

Embora se estabelecessem algumas confusões, com prejuízos para o ensino e a aprendizagem, começou-se a estabelecer a interdisciplinaridade entre a Psicologia e a Pedagogia e as ciências afins, como a Sociologia, Filosofia, Biologia e outras. De alguma forma, esta postura trouxe à tona a Psicopedagogia.

A interdisciplinaridade fundamenta-se no compromisso do fenômeno como um todo. A questão é que, ao analisarmos o processo ou um problema de aprendizagem, temos que fazer uma abordagem multi e interdisciplinar, já que a aprendizagem engloba em si mesma questões ligadas às ciências já mencionadas.

Podemos compreender melhor as afirmações acima ao ler Patto:

*Alheios às apreensões dos educadores que apontam “o baixo nível intelectual” dos alunos como indício da deterioração dos padrões de ensino que teria resultado da rápida expansão da rede escolar; os*

*sociólogos que se dedicam a este ou àquele tipo de análise preocupam-se menos com conhecimentos, habilidades mentais ou competência específicas do que com valores e atitudes (1991, p. 19).*

O descaso para com a aprendizagem e a visão interdisciplinar exigida por ela, neste caso, é explícita. Como nos diz Pascal:

*As partes do mundo têm, todas elas, tal relação e tal encadeamento, uma com a outra, que, acredito, impossível conhecer uma sem a outra e sem o todo, não mais do que conhecer o todo sem conhecer as partes (LINHARES apud SCOZ, p. 41).*

Esta visão interdisciplinar é uma exigência da profissão psicopedagógica. O psicólogo poderá ter conhecimentos em outros campos que o auxiliem na sua tarefa. O pedagogo, igualmente, mas o psicopedagogo não apenas poderá, mas é condição, na sua formação, esta visão interdisciplinar. Seus conhecimentos fundamentam sua ação, que perpassa da clínica à instituição, da reelaboração da capacidade de aprender à criação de uma teoria, do diagnóstico à análise, da análise ao prognóstico, do atendimento à criança ou àquele que aprende, à família e instituição, a elaboração do processo do aprender e a criação de métodos adequados a cada caso e/ou situação.

A interdisciplinaridade tem duas dimensões. Uma, que chamaria de horizontal e que diz respeito à visão pedagógica, psicológica, sociológica e política das questões da aprendizagem e, outra, vertical que diz respeito a uma visão científica da análise dos processos, dos problemas, das causas, ou melhor dizendo, uma visão do desenvolvimento e da aprendizagem nos seus aspectos neurológicos, psicológicos, pedagógicos, psicomotores, fonaudiológicos e outros.

Estas duas visões lembram a formação globalizante do psicopedagogo para que sua ação não seja fragmentada

e centre-se no indivíduo, atuando de forma mais eficaz e eficiente.

Domingues (1986), ao apresentar seu trabalho *O caráter interdisciplinar na Psicopedagogia*, ressaltou o fato de que o número de crianças que necessitam do trabalho psicopedagógico vem crescendo ano a ano, com estigma de criança com fracasso escolar. Ao fazer tal afirmativa, propõe que a interdisciplinaridade deve estar proporcionada ao trabalho psicopedagógico, na medida que não atuará apenas nas causas individuais, sejam elas de caráter orgânico, cognitivo, afetivo ou social, mas também nas instituições, desenvolvendo uma metodologia de investigação que resulte num melhor desempenho dos educadores especialistas, conseqüentemente, na diminuição do chamado “fracasso escolar” (DOMINGUES apud SCOZ, 1987, p. 41).

Queremos chamar a atenção de que é na praxis que acontece a interdisciplinaridade, permitindo ao psicopedagogo uma leitura integradora dos processos e problemas de aprendizagem. É preciso ressaltar, também, que a exigência de certos casos e ou situações, as dificuldades da família, a aceitação da ameaça de um filho “doente”, a alteração da rotina familiar, são minimizados pela ação psicopedagógica que, por seu amplo conhecimento, facilitará a indicação dos caminhos a serem percorridos nas ações preventivas ou terapêuticas.

*Em síntese, toda intervenção educativa precisará do conhecimento dos elementos implicados no processo, e este conhecimento é proporcionado, basicamente, pelas ciências humanas; porém, ao mesmo tempo a ação educativa é irreduzível à soma dessas abordagens. (COLL, 1988, Psicopedagogia 157).*

No próximo capítulo, os testemunhos dos protagonistas da ação e da profissão psicopedagógica salientarão as questões da interdisciplinaridade, do papel, das funções e

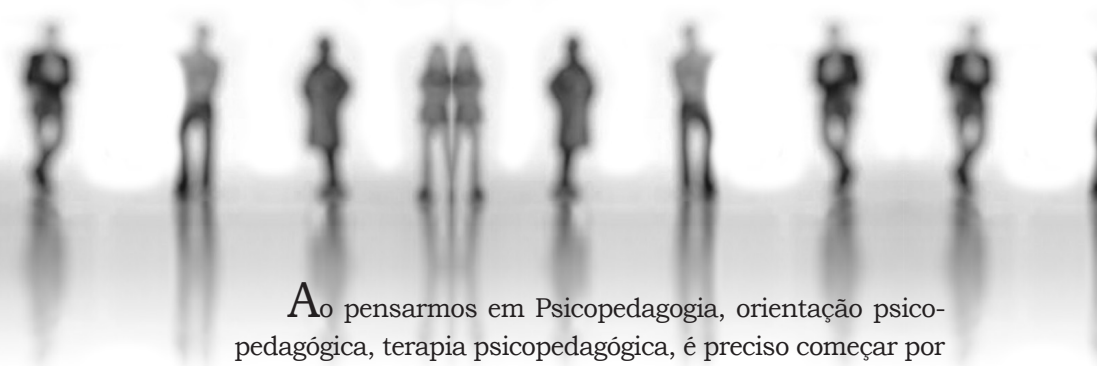


principalmente falarão da crença em sua ação que, se ainda não alcançou seu reconhecimento legal, tem suas atribuições morais e espaços ocupacionais garantidos.

Salientamos, por outro lado, que um aspecto da interdisciplinaridade é a referência a uma ação conjunta da família, da escola e da comunidade. Hoje, a concepção de uma ação isolada não fornece ao educando a ideia integradora, nem a resposta do que é “ser” no seu espaço familiar que representa ao mesmo tempo as expectativas da escola e da comunidade.



# A construção da identidade do psicopedagogo



Ao pensarmos em Psicopedagogia, orientação psicopedagógica, terapia psicopedagógica, é preciso começar por delimitar este campo.

*O termo psicopedagogo é comumente usado, em português, francês e espanhol, para referir-se à psicologia dos processos ligados à aprendizagem e ensino. Em inglês, não parece haver uma tradução para este termo, utilizando-se psicologia educacional, psicologia do ensino, psicologia da aprendizagem (MASSINI, 1988, p. 24).*

Para o Conselho Regional de Psicologia, a orientação psicopedagógica é um processo facilitador do desenvolvimento do indivíduo, do grupo, da instituição e da comunidade, e age também de forma preventiva na solução de dificuldades existentes, de modo a atingir os objetivos educacionais e pedagógicos.

Dois pontos se salientam: o primeiro, no que diz respeito à confusão de terminologia e interpretações que possam ser dadas à compreensão de uma ciência; o segundo, no que diz respeito às ações preventivas e terapêuticas, exercidas pelo mesmo profissional em âmbitos e circunstâncias diferenciadas, pontos que tentaremos esclarecer.

Assim sendo, está implícita a condição de uma formação pedagógica e de uma formação psicológica.

A formação psicopedagógica exige a compreensão, por parte de quem a exerce, dos meios, métodos e técnicas que assegurem o papel de transmissor e de formador no exercício do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

*Enquanto pedagogo, seu papel consiste em transmitir conhecimentos; neste aspecto, ele é o representante da herança legada pela cultura tradicional; sua função inscreve-se no registro do coletivo, num registro social; mas o pedagogo é também um educador e deve acionar os meios próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano (MERY, 1985, p. 8).*

Continuando sua afirmação, a autora diz: também a relação terapêutica existente entre educador e educando deve priorizar a ação psicopedagógica para a compreensão das relações no entendimento da elaboração da aprendizagem. Não pode, dessa forma, o psicopedagogo privar-se de sua ação curativa e terapêutica junto à pedagógica.

Não pode confundir-se, também, com um reeducador dos problemas da aprendizagem como dislexias, discrasias e outros, mas sua atuação tem uma amplitude que antecede os problemas de aprendizagem e que também os trata, mas de uma forma mais ampla e interdisciplinar, considerando todas as manifestações físicas, psíquicas, espirituais e sociais nele implícitas.

Leite (1991) lembra que a questão das relações entre o psicólogo escolar e o pedagogo têm sido, muitas vezes, colocadas de forma ingênua, como mera definição de funções. No nosso entender, a questão é outra, pois o que se coloca aos educadores, sejam eles pedagogos, psicólogos ou professores, é como ampliar a discussão sobre a escola, a aprendizagem e o desenvolvimento de forma a garantir a dignidade de todos.

A presença de muitos especialistas pode transformar a escola numa área de disputa mercadológica, onde interesses particulares se sobrepõem ao interesse de todos. A questão, portanto, não está ligada à definição de função, mas à compreensão de sua função.

É importante lembrar, também, que ninguém pode agir isoladamente diante da amplitude do problema do ensinar e do aprender. A análise se faz, portanto, necessária para a compreensão de competência e da importância que cada um tem para que a ação global e conjunta possa ser mais responsável, menos culpada e menos messiânica.

Tanto o psicólogo escolar como o psicopedagogo devem considerar o processo de aprendizagem ponto central do estudo. As questões ligadas ao desenvolvimento no contexto social e afetivo da criança, as diferenças individuais que se manifestam no sentir, no pensar e no agir de cada um; a participação ativa na construção dos currículos escolar, entre outras, são suas atividades. Compete a eles buscar os alicerces da atividade do aluno dentro de seu contexto, proporcionando o máximo de saúde no que diz respeito aos indivíduos envolvidos pela tarefa do ensinar e do aprender.

O avanço das ciências psicopedagógicas também contribuiu para uma maior compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem, notoriamente a Psiconeurologia, a Psicolinguística e a Neurologia Infantil.

Como diz Macedo, aos poucos, os pontos fundamentais no trabalho psicopedagógico foram delineando-se:

- o psicopedagogo deve acreditar que todo o ser humano tem direito e pleno acesso ao saber acumulado;
- saber que a leitura e a escrita são ferramentas fundamentais para a aprendizagem;
- saber que sua prática segue os princípios da liberdade, da criatividade e da responsabilidade;

- deve compreender e assumir a dupla polaridade de seu papel: transmissão de conhecimentos e compreensão dos fatores psicológicos e pedagógicos do ato de aprender e suas interferências.

O psicopedagogo deverá, respeitando os limites de sua atuação, delimitar o que é transmissão de conhecimentos e o que é compreensão dos fatores psicológicos e pedagógicos no ato da aprendizagem.

Por transmissão de conhecimentos, entendemos a ação pedagógica que não se limita ao ensinar, mas reconduz a criança pelos caminhos do aprender, a partir da análise de sua potencialidade, da consciência de suas dificuldades e do estabelecimento de meios e técnicas que possam auxiliar na compreensão, apreensão e retenção dos conhecimentos.

Por compreensão dos fatores pedagógicos e psicológicos entendemos a análise dos bloqueios que impedem o desenvolvimento normal e que levam à ação terapêutica. Entendemos, também que envolve a compreensão da personalidade no seu desenvolvimento e em suas perturbações; a compreensão das relações que se estabelecem entre o aprendente e seus pares; a compreensão de seus papéis e dos limites e os aspectos transferenciais e contratransferenciais existentes em todas as relações. O que realmente está contando, está manifesto, está bloqueado, está defendido, está sendo procurado e reprimido e que significado tem, tanto para o ensinante como para o aprendente.

Dois outros papéis devem salientar-se à identidade do psicopedagogo:

- análise das relações e dos vínculos afetivos implicados na família e na história da criança – no que diz respeito às experiências passadas e ao momento presente;
- análise crítica da realidade, isto é, preocupação com os problemas que se manifestam nas instituições de ordem política, social, pedagógica ou educacional.

Os testemunhos (resumidos) a seguir foram obtidos em entrevistas pessoais para a dissertação de mestrado entre os anos de 1991-1992 e publicados na dissertação *Psicopedagogia: um perfil profissional em conflito*, defendida pela doutora em 1993.

## O testemunho de Aglael Luz Borges

Eu sou a professora Aglael Luz Borges, trabalho na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sou responsável pela Prática de Ensino da Pedagogia, na Didática, e no momento, sou responsável pela Presidência da ABPp e, ainda, coordeno o Curso de Psicopedagogia na Estácio.

Costumo dizer que gosto de falar sobre a minha formação, porque talvez depois entendam os meus interesses.

Em primeiro lugar, cursei Filosofia. Depois, Orientação Educacional, em nível de pós-graduação. Depois resolvi fazer um curso de Psicologia de cinco anos e me interessei pela formação psicanalítica. Fiz a minha análise pessoal, tenho todo o meu enfoque da Psicanálise, mas sempre ligada muito à educação. Trabalho aqui na Faculdade de Educação. É como se tivesse assim dois movimentos: um ligado a todo um trabalho clínico e outro ligado à educação. Aqui estou falando como Aglael e até como responsável por essa formação na escola. Na verdade, meu primeiro contato com a Psicopedagogia foi com o professor Jorge Visca, na área infantil, que tem enfoques da linha da convergência, de Piaget, da Psicanálise e de Pichon Rivière. Dentro de mim ficou sempre o interesse do que seriam essas questões da Psicopedagogia dentro do Curso Normal e da Faculdade de Educação.

Depois da formação com o professor Jorge Visca, terminei a formação com a professora Alicia Fernandez, psicopedagoga argentina e que trabalha com a professora

Sara Paim, que tem todo o trabalho da importância das intervenções nos problemas de aprendizagem, fazendo até bastante distinção entre o fracasso escolar e os problemas de aprendizagem.

Penso que na nossa cultura, em geral, no nosso trabalho mais amplo, andamos perdendo alguns sentidos: o da religião, o da pátria, o da família, o da escola... Na verdade, cada vez mais a escola começa a ter um trabalho – preocupo-me muito com isso –, trabalha muito mais com a patologia do que com a normalidade. Vejo a Psicopedagogia com muito bons olhos, mas não como mais um profissional na escola, como talvez um eixo em que diferentes especializações trabalhariam com o princípio da Psicopedagogia, tendo noções de tudo que representam as questões, dentro da normalidade, tendo visão do patológico, sim, mas não para trabalhar o patológico, senão para poder perceber de que maneira trabalhar de uma forma mais produtiva, talvez no próprio desenvolvimento, que não se separa mais da aprendizagem.

A escola, sem dúvida, é o segundo momento, eu diria até o primeiro momento, em que a criança deixa seu núcleo familiar e entra em relação ao conhecimento sistematizado. A Psicopedagogia tem muito que trabalhar porque este conhecimento sistematizado não pode também ser desvinculado do desenvolvimento dessa criança, do desenvolvimento de todas as relações da Psicanálise, enfim todas relações de grupo, todas as questões do real e do imaginário que vão se construindo dentro do ser humano. Se a escola, como diz, trabalha cada vez mais com o construtivismo, não posso entender que a escola não conheça determinadas especializações ou determinados conhecimentos que favoreceriam seu trabalho, fazendo um trabalho mais preventivo, embora essa palavra seja contaminada por doença, mas seria favorecer ao indivíduo para que se desenvolva melhor.



A vida não é um nirvana; não é um mar de rosas; tem todos seus aspectos de altos e baixos, as chamadas “crises”, mas dentro da normalidade, que a Psicopedagogia poderia, talvez na escola, com essas especializações de Visca, de Alicia Fernandez, de Sara Paim etc., favorecer para que os especialistas pudessem perceber melhor essas diferenças.

O conhecimento que se faz com a Psicopedagogia, poderia favorecer tanto os educadores pais, como o trabalho do orientador educacional, do supervisor escolar. Todos teriam muito a contribuir com a sua especialidade, que eu costumo dizer que é uma verticalidade, que ninguém pode dar conta de tudo e que na horizontalidade esses princípios poderiam ser trocados.

Sou uma estudiosa, pelo menos nos meus trabalhos, a preferência é sobre “o quê” da Psicanálise a escola pode saber. Um saber que sem dúvida não estaria ligado ao divã, à análise do inconsciente, mas aos trabalhos que poderiam ser feitos com o ego, para que no próprio desenvolvimento houvesse um favorecimento para que a criança pudesse passar melhor das suas fantasias para o nível da realidade, fazendo todo o trabalho dar prazer e dentro da realidade.

A criança, quando trabalha, não vai trabalhar só com cognição, só com sua inteligência, ela trabalha como um ser total.

A Psicopedagogia teria muito a fazer em um país onde nós temos tanta repetência nas primeiras séries. Penso que seria de muita importância que o trabalho da Psicopedagogia não viesse elitizar cada vez mais uma questão, um poder de trabalho, onde o conhecimento ficasse apenas com algumas pessoas, mas que pudesse trabalhar melhor nos cursos de formação.

Na verdade, esse movimento da Associação do Rio de Janeiro, mas com toda a relação, dependência, com São Paulo, que é a Associação Brasileira de Psicopedagogia, mas todos sabem desses meus interesses, não da minha

aceitação que seja mais um profissional formado na linha de graduação. Na verdade, esse trabalho fazíamos também na Associação, procurando favorecer melhor a seriedade desse trabalho de Psicopedagogia, que, acredito, não deveria estar substituindo profissionais, mas construindo cada vez mais a delimitação do seu objeto de estudo. Eu acredito que existe um objeto de trabalho para a Psicopedagogia, desde que seja delimitado, distinguindo aquilo que seria normal, das dificuldades, daquilo que seria um trabalho mais especializado e um trabalho com patologias mais graves. Como expressa Alícia Fernandez, são trabalhos que merecem uma formação mais cuidadosa. Acredito que a Psicopedagogia terá encontro com o seu espaço, sua definição, no Brasil.

Talvez, a maior informação que se tenha sejam as questões de valores socioeconômicos, habitacionais e acredito que até transcendentais, que formam, enfim, nessa intersecção, o maior desafio, do qual a formação que pode ser dada para que cada um tenha maior coerência. As pessoas passam a trabalhar com métodos sem ter noção. E que mudanças realmente teriam que ser feitas? Isso eu vejo em Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro, enfim, é muito mais difícil mudar. Passa-se a ter um discurso, mas a mudança não ocorre na ação.

Inclusive, sei que no momento em que tiver decisões, em termos de opinar **sobre esta questão de mais um profissional na escola, não tenha dúvida de que em particular, serei contra**, a formação tem que ser em nível de especialização. Especialização, sim, dos orientadores educacionais, dos psicólogos, que tendo especialização poderão trabalhar. Mais um profissional seria no meu modo de entender substituir, negar também, seria até, na minha opinião, muita onipotência. No meu modo de entender, substituir o pedagogo, substituir o psicólogo escolar, que são áreas que provavelmente tinham suas intenções, mas

se defasaram. Sinto que a Psicopedagogia talvez fosse esse eixo para a interdisciplinaridade.

Se na horizontalidade houvesse os princípios da Psicopedagogia e na verticalidade os especialistas contribuíssem, então acredito que seria uma alternativa, mudamos de acordo com as experiências, pesquisas etc., mas até então, digo isso com muita tranquilidade, é a minha verdade nesse momento, dentro de toda a formação que tenho. Nos currículos de primeira a quarta séries o professor deveria ter noções de Psicopedagogia, nesse sentido, como se fosse uma reformulação curricular mesmo. É uma área; é um saber que vem se construindo, que não pode ser um privilégio de quando alguém tem um problema, mas tem que ser aplicado numa área mais ampla. Estou defendendo com muita, muita garra mesmo na própria Associação onde há pessoas que pensam diferente, esta é a minha posição.

Talvez como profissional, como psicopedagogo de consultoria, aí sim, isso então seria outra coisa. Em nível de consultório, acredito poder ter um espaço para o psicopedagogo clínico, mas no trabalho com problema de aprendizagem, aí eu acredito, porque, no caso, a escola não poderia dar conta desses problemas.

## O testemunho de Alicia Fernandez

Eu sou Alicia Fernandez, psicopedagoga, formada em Buenos Aires, na Universidade de Salvador. Comecei com 18 anos. Encerrando na escola secundária, eu iniciei o estudo em Psicopedagogia.

Existem, há mais de 30 anos, na Argentina, faculdades de Psicopedagogia que vêm crescendo, construindo diferentes abordagens, diferentes posturas para encarar o problema de aprendizagem.

Creio que mais importante do que mencionar minhas publicações, das quais a que mais gosto é a *Inteligência aprisionada*, creio que seja mais interessante que possamos conversar sobre minha trajetória e **como eu fui chegando a construir uma determinada postura que me específica, que me reconhece como sujeito pensante dentro do âmbito da Psicopedagogia**. Quer dizer, como cheguei a isto: ser psicopedagoga.

Eu acredito que psicopedagoga não tem só que ver com uma postura teórica como postular ou usar um determinado conhecimento teórico, senão, creio eu, principalmente que tem a ver com uma postura ética. Eu creio que a ética do psicopedagogo decide em que lugar ele se “situa” como sujeito pensante, frente aos outros, frente aos seres humanos, que têm, por distintas razões, digamos, renunciado, evitado ou bloqueado, ou aprisionado aquelas capacidades humanas tão centrais de pensar. Então, foi realizado dentro de mim um movimento em direção ao sujeito que tem dificuldade de aprender.

Aqueles que recorrem ao psicopedagogo para pedir uma opinião, uma orientação, na maioria das vezes são os adultos. Eles trazem a criança e consultam por uma criança. Sejam os adultos pais, sejam os adultos professores, sejam muitas vezes outros profissionais. Esta criança que chega à consulta, chega “atrapalhada”, numa situação que devolve para ela uma imagem de si mesma, de incapacidade, quer dizer, no momento que chega à consulta, ao psicopedagogo, chega por haver fracassado em uma atividade que para essa criança se considera central para sua identidade como ser humano, que é esta possibilidade de aprender.

O que a criança tem socialmente organizado é a escola, como um lugar onde, esta criança, vai saindo do espaço, do grupo familiar, vai tendo outro espaço que representa, de alguma maneira, o mundo, a sociedade, tudo aquilo que está fora da porta de sua casa. Aquele lugar onde esta criança

vai receber uma devolução acerca do que ela é, do que ela pode. Então, esta criança chega para nós já assinalada por uma marca de um fracasso.

Este fracasso está, na maioria das vezes, marcado a fogo na personalidade desta criança, como se ela fosse a culpada deste fracasso, escondendo, ocultando a possibilidade de ver a todos os outros personagens que, na maioria das vezes, são os verdadeiros causantes do fracasso.

É aí que justamente o próprio termo “problema de aprendizagem”, eu creio, tem que ser questionado, revisto e analisado, porque na maioria das vezes os problemas de ensino se transportam como se fossem “problemas de aprendizagem”. Também porque quando eu digo isto, problema de aprendizagem, estou situando como protagonista desse problema o “sujeito aprendente”, e, na maioria das vezes, os protagonistas do fracasso da aprendizagem, deste sujeito aprendente, são os “sujeitos ensinantes”, sejam os pais ensinantes, os professores, as instituições, os meios de comunicação... Esse fracasso dos “ensinantes” situa-se como um fracasso dos aprendentes. Por isso, eu já dizia, que é uma postura ética da psicopedagoga.

À medida que olha esta situação, pode dar uma palavra, que sirva, fundamentalmente, como um curativo para esse sujeito, que tem este “encapsulamento” em sua capacidade de pensar. Fazer com que ele possa reconhecer uma imagem de si mesmo, como sujeito pensante, e não que receba uma devolução com um suposto diagnóstico acerca de qual é a causa pela qual ele não aprende. Eu creio que é uma confusão em que caem, muitas vezes, os profissionais, a de pensar que nossa tarefa tem que ver em dar um diagnóstico da situação.

Diante do sujeito que está fracassado na aprendizagem, creio que a nossa primeira preocupação tem que ser: como faz, age para aprender, e não buscar por que não aprende. Claro, porque se não aprendesse nada, estaria morto. Por-

que para viver “tem que aprender”, requer aprendizagens (Aqueles aprendizagens, por mais pequenas que sejam...).

Aí está o desafio para o psicopedagogo, poder reverter a pergunta. Esses adultos que trazem a criança, perguntam por que não aprendem? Então, revertendo a pergunta, pode-se devolver a esses adultos e a essa criança outra pergunta: como “fazem” para aprender? É somente entendendo, ampliando aquela possibilidade de aprender, e saber dos seus próprios aspectos sãos, que este sujeito vai entender estas saliências, estes aspectos que estão enfermos, – quer dizer dolorido, quer dizer lastimado, quer dizer agredido. Eu creio que para analisar a situação de fracasso na aprendizagem não remeteremos a um déficit genético, a um déficit orgânico, porque não se aprende pelo organismo. Então, se não se aprende pelo organismo, obviamente, tampouco podemos dizer que se fracassa pelo organismo. Se aprende a partir de uma quantidade de instâncias, entre as quais está o organismo, não só o organismo, senão o corpo. O seu corpo é o organismo, porém o organismo atravessado pela inteligência e pelo desejo. Quem aprende não é o organismo, senão o corpo.

Uma pessoa, um sujeito pode ter o organismo possibilitado, por exemplo, para realizar um movimento. Porém, o movimento sozinho não serve para aprender, porque se aprende através de um gesto.

O movimento é a parte que “conduz” o organismo e o gesto, é esse organismo atravessado pela inteligência e pelo desejo. Há um desejo de significar algo com esse movimento. Então, se um sujeito tem, por exemplo, a impossibilidade orgânica de realizar um movimento, isto não é causa para que não possa aprender, porque se ele tem aquela impossibilidade de significar, de poder, desejar transmitir algo, reconstruir um gesto..., ele pode construir um gesto com outro movimento que não seja exatamente esse que ele não tenha percebido.

Pelo menos, acontece que para aqueles que se consideram deficientes mentais, aqueles que se consideram disrítmicos, dislêxicos, disfuncionais cerebrais, eu não penso que sejam diagnósticos. Para mim, são simplesmente descrições que dizem em outro idioma o mesmo que dizem os pais ou as mães ou os professores. Logo, para dizer o mesmo, em outro idioma, não necessitaríamos de um especialista chamado psicopedagogo. Se a criança tem dificuldade para ler e escrever, vem um psicopedagogo e diz: “isto é dislexia.” Eu prefiro o pai e a mãe dizendo que tem dificuldades para ler, porque, na medida em que só permanecem o pai e a mãe dizendo isto, pelo menos não se terá dado o caráter de uma entidade que anula o sujeito.

E aí está o desafio para nós como psicopedagogos, de podermos situar: qual é o nosso papel, nossa função?

Eu creio que tem a ver com construir espaços. Construir espaços, onde a autoria do pensamento seja possível, para mim e para os demais. Quer dizer, que, quando digo “os demais”, refiro-me àquele que toma o lugar do meu paciente, àquele que consulta comigo, àquele que pode ser um professor, àquele que pode ser uma instituição educativa, inclui outras instâncias mais amplas, como podem ser os meios de comunicação que – eu creio, nesse momento, na atualidade, têm função ensinante importantíssima – pode ser negativa, pode ser positiva, mas não podemos desconhecer que, frente à maioria das crianças e nossa sociedade, está uma figura ensinante fortíssima.

Nós, como psicopedagogos, temos que ver esta criança que tem a ver com estas relações ensinantes-aprendentes.

Temos, também, que tratar de dar um suporte em relação a todas estas situações de ensino que vão muito além do que a instituição possa pensar. O mesmo diz respeito ao grupo familiar ensinante. Como circula o conhecimento dentro do grupo familiar? Como circula o conhecimento

dentro da própria instituição educativa? Por aí passa a especificidade do psicopedagogo.

A especificidade do psicopedagogo diz respeito a como se pode propiciar espaços onde a autoria do pensamento seja possível; tratar de reconstruir, quando já estão danificados estes espaços; tratar de abordar a reconstrução desses espaços para que possa se dar ao sujeito a construção de um pensamento.

A atitude psicopedagógica que inclui a teoria requer um conhecimento, porém, não é só o conhecimento, senão que tem a ver com o lugar no qual está situado esse profissional que postula essa teoria, porque a teoria é, sem dúvida, uma construção permanente .

Eu estava dizendo como fui construindo minha postura psicopedagógica...

Aos 18 anos saí da escola secundária com toda aquela ilusão de poder “ajudar” aquelas crianças que não podiam aprender. Tive a sorte de começar a faculdade num momento em que havia poucos psicopedagogos (recém havia sido criada a carreira de psicopedagogo). Então, tive a sorte de começar o trabalho como psicopedagoga numa escola muito carente, muito distante do centro de Buenos Aires, como assistente de educação, que seria uma função similar ao que aqui se chama de “orientador”. O contato que eu tive com aquela realidade tão carente, simultaneamente com a faculdade, onde eu estava recebendo toda uma quantidade de conhecimentos teóricos, através dos livros, obrigou-me tratar de decodificar aqueles conhecimentos e de alguma maneira selecionar o que poderia servir-me e expulsar o que não me servia, em função de se tratar de dar uma resposta àquela situação presente, por não haver outros com quem pudesse compartilhar, trocar.

Bem, terminei minha formação como psicopedagoga, mas via que necessitava outros suportes. Naquele momento, realizava minha análise pessoal e simultaneamente tive sorte



de estar realizando um trabalho dentro de uma terapia grupal. Isso me deu a possibilidade de encontros – experiência minha – com minha própria pessoa, frente a outras, em grupo. Deu-me a possibilidade de encontrar aquela resposta em relação ao lugar do corpo na aprendizagem, porque na faculdade havia estudado a reeducação.

Simultaneamente à Psicanálise, comecei a estudar Psicologia, porque o que tinha na faculdade de reeducação não me satisfazia. Eu comecei a estudar Psicologia não para deixar de ser Psicopedagoga, senão que para entrar com outras ferramentas, que serviram muito para minha formação, porém, não davam conta do problema do aprendiz nem da aprendizagem, porque o sujeito psicanalítico, não é o sujeito aprendente, senão “desejante”.

Eu permanecia, até aquele momento, dividida. De um lado, estudava em relação ao sujeito-desejo, que a psicanálise me dava, e por outro, a realidade que eu vivenciava na prática com as escolas como psicopedagoga. E, ainda por outro lado, havia a reeducação que eu havia aprendido em minha faculdade de psicopedagogia... e minha experiência neste grupo que eu estava comentando,

As crianças e os alunos que têm problema de aprendizagem mostram o problema no corpo. Não que a reeducação está totalmente defasada quando pretende ser um trabalho com o movimento. Está defasado o transformar gesto e movimento, porém é certo que o corpo esteja implicado na aprendizagem.

Nós não poderíamos fazer um tratamento psicopedagógico como um tratamento psicanalítico. O tratamento psicanalítico pode “recostar” a pessoa em um divã e só escutá-la, O corpo desaparece, inclusive não se vê o corpo, digamos, você pode omitir o corpo na cura do sujeito pela psicanálise. O problema de aprendizagem não é assim, porque justamente a corporeidade está implicada, está presente de uma maneira forte.

Foi naquela época que me encontrei com Sara Paim, que foi também meu outro pilar como ensinante. Encontrei o início daquilo que está se chamando, que se está construindo como teoria psicopedagógica. Encontrei com uma certa estrutura teórica em relação às questões que correspondem à Psicopedagogia. São questões que seriam diferentes da Pedagogia, da Psicanálise, da Neuropsicologia. São questões específicas.

Trabalhando com Sara Paim, pude construir esta postura. Creio que situações dolorosas que vimos na Argentina – bem, foi uma época que não somente Sara Paim se foi de Buenos Aires, mas grande quantidade de pensadores, de pessoas que sem dúvida não eram guerrilheiros senão, simplesmente, pessoas que pensavam, que questionavam, que queriam – que propiciavam autonomia e autoria de pensamento.

E foi uma experiência dolorosa que sofremos na Argentina a de cercear a possibilidade de falar. Nessa época, havia um lema que o governo usava: “o silêncio é saúde”. Era o lema que se usava e este silêncio a que ficamos submetidos durante muitos anos, eu creio que é a dolorosa verdade.

Tive a possibilidade de, sofrendo esta experiência, entender como se dão estes processos de silenciamento, assim como se podem dar a toda uma sociedade num momento determinado, tal como se dá a um sujeito em particular. O sujeito termina não aprendendo, não porque não tenha capacidade de aprender, senão porque há um “mandato” de “silenciamento”, um “mandato” de não mostrar, porque seria perigoso pensar, mostrar o que se pensa.

Uma vez, minha filha, ao entrar pela primeira vez numa escola, 1ª série, uma escola municipal de Buenos Aires, depois de duas ou três semanas de haver começado as aulas, chegou em casa aterrorizada e me disse: “sabe, mamãe, a mestra pergunta o que já sabe”.

Para nós, adultos, que já estamos engrenados neste sistema, parece óbvio, porém, escutando minha filha, pude me dar conta de que realmente ela estava denunciando uma realidade absurda, que é a cena escolar, que é perguntar não para saber, mas para poder ver se os outros sabem. Isto transforma o perguntar numa arma do poder, para ver se o outro diz aquilo que eu quero e não para que a pergunta sirva para que o outro, que me escuta, possa construir e reconstruir seu próprio pensamento.

Creio que a incoerência entre o que se “diz” e o que se “faz” está denunciando esta não-articulação interna. Nesses sujeitos não há articulação entre o que pensam e como usam este conhecimento para sua própria vida. Um sujeito, por exemplo, não pode falar de criatividade, de ensinar com prazer, de aprender com prazer para os outros se este mesmo professor não está, ele mesmo, sentindo prazer em aprender.

Isto não se diz, isto se vive.

*(Porto Alegre, maio 1992)*

## O testemunho de Lino de Macedo

Sou Lino de Macedo, cursei Pedagogia e depois o mestrado, o doutorado, livre docência e concurso para professor-assistente e depois para professor-titular em Psicologia, Psicologia do Desenvolvimento. Sempre trabalhei como professor nesta área. Quando terminei a Pedagogia, tive algumas experiências, de alguns anos, na Escola Normal, como professor até de Matemática, mas todo o meu trabalho, no curso de Psicologia é como professor de Psicologia do Desenvolvimento, que é uma disciplina básica, e sempre usando a teoria de Piaget como referência principal, tanto na parte dos estágios do desenvolvimento quanto nos processos de equilibração.

Coordeno um Laboratório de Psicopedagogia, no Instituto de Psicologia na USP, onde trabalham 10 pessoas. Desenvolvemos algumas atividades que caracterizam este laboratório. Uma é a discussão teórica, outra é a de “fazer jogos”, quer dizer, ter experiências com jogos e montar atribuições. Temos oficinas que atendem desde a infância até a idade adulta. As crianças são de escola pública, geralmente 20 por período. Temos cinco mesas, quatro crianças sentam em cada com um instrutor e eu coordeno. Nós jogamos, jogos de regras, jogos lógicos, geralmente jogos clássicos, numa oficina para professores da escola. Desse contexto, fazemos uma análise conceitual da questão do que é jogo, do que é conhecimento, do que é conhecimento por dedução.

Muitas vezes, o professor não tem oportunidade de analisar mesmo o que é dedução, o que é inferência ou o que especifica o raciocínio para dedução, para dedutivo. Por exemplo, um raciocínio indutivo ou um raciocínio analógico ou abduutivo, enfim, outros tipos de raciocínio. Nós temos esse grupo onde discutimos teoricamente e produzimos um material sobre jogos, temos essas oficinas para adultos e crianças e a nossa ênfase sempre é **pensar a questão do conhecimento numa perspectiva psicológica, mais aplicada num contexto de aprendizagem escolar**. Refletimos, numa perspectiva de Piaget, e usamos o jogo como uma situação apropriada para observar e intervir, como uma boa situação de aprendizagem, na perspectiva do sujeito, do raciocínio, das teorias, das hipóteses, dos sentimentos que o sujeito tem ou constrói, utiliza, enfim, numa situação de aprendizagem ou desenvolvimento ou de conhecimento no contexto do jogo e na perspectiva do mesmo. Como fazer para descobrir a alma lógica, a regra, uma regra boa, uma matemática, uma linguagem.

No jogo, a criança tem que aplicar o conhecimento, o raciocínio, as regras, mas num contexto concreto de um problema contextualizado, onde ela tenha uma questão,

esses recursos que são necessários para o pensamento. Por exemplo, a antecipação, a recorrência, a questão do escrever, do criar códigos para escrever uma jogada. Outro exemplo, a análise da jogada lógica das estratégias. O jogo é uma experiência simbólica, fundamental, mas se esgota em si mesmo.

No contexto da escola ou num contexto psicopedagógico, o jogo pode proporcionar uma situação, um contexto mesmo, para você sistematizar aquilo que a criança só usufrui, só utiliza se ela tem ou se ela constrói, mas não tem consciência, quer dizer, o jogo exige estruturas do conhecimento, mas não necessariamente o conhecimento das estruturas. E na escola você tem que ter esse conhecimento.

Não basta que a criança jogue, é preciso que você utilize o contexto do jogo numa situação de aprendizagem.

Uma coisa é a Psicologia, outra coisa é a Pedagogia. Elas têm funções e preenchem lugares diferentes na escola. O professor obviamente, quer dizer, o Psicopedagogo jamais poderá, inclusive, pretender substituir o trabalho do professor que tem um lugar institucionalmente adquirido e socialmente consagrado que é o de transmitir o conhecimento científico, aquele produzido na universidade.

O psicopedagogo preenche um vazio que é o seguinte: ele trabalha com conteúdos escolares (se ele quiser), trabalha com jogos, ele trabalha com atitudes, ele trabalha com organização do trabalho escolar da criança etc., mas num contexto diferente do do professor. O psicopedagogo pode ficar durante um ano trabalhando certos aspectos. Já o professor não pode ficar um ano trabalhando certos aspectos, mesmo que o psicopedagogo trabalhe numa situação coletiva, ele pode, por exemplo, enfatizar num certo momento mais o raciocínio da criança ou focalizar certos aspectos dos conteúdos escolares, mas não no mesmo sentido que o professor faz. O psicopedagogo pode fazer uma análise da questão da relação, por exemplo, professor/

aluno, da questão do porquê que a criança não aprende, dos distúrbios da aprendizagem numa ética que não é nem psicológica e nem pedagógica.

Por que a análise não é psicológica? Porque ele trabalha com outros recursos e porque o objetivo dele não é aquele do psicólogo. A função do psicopedagogo é preencher um vazio que nem a Psicologia, nem a Pedagogia preenchem.

E é interessante que ricos e pobres, nesse sentido, até por razões diferentes, hoje em dia, têm dificuldades de aprendizagem.

Penso que o psicopedagogo deve fazer uma formação. O psicopedagogo deve gostar de crianças ou de quem está em processo de aprendizagem. Pode ser adulto. Enfim, de quem está a fim de aprender. Ele deve gostar do aspecto pedagógico, ou seja, do objeto de conhecimento, de aprofundamento e das características psicológicas dessa pessoa que esteja aprendendo.

O papel do psicopedagogo é preencher esse vazio que fica entre o pedagogo e o psicólogo. E qual vazio é esse? Explico: o professor, por mais que considere as características das crianças, tem um tempo cronológico, toda uma sequência de programação que tem que seguir, porque está numa engrenagem. Se ficar muito “psicopedagógico”, o professor da série seguinte vai questionar sobre o que ensinou, se foi muito ou pouco, se foi bom ou não. Agora, o psicopedagogo pode até eleger uma situação para analisar em profundidade, porque ela serve como modelo de atitude, de vivência. Mesmo que generalize de outro modo, no sentido de portar como um modelo mesmo, como uma situação aprofundada e alargada de uma experiência que eu chamo de aprendizagem. Muitas vezes, há crianças que depositam nos conteúdos escolares muitos medos, muitas frustrações, muitas dificuldades, e às vezes o psicopedagogo, até não trabalhando muito com conteúdos escolares, mas levando em conta isso, restaura, vamos dizer assim, uma

certa relação boa da criança com a matéria escolar, até para um certo ponto suspender essa exigência que o professor não pode suspender, porque está comprometido com um certo conteúdo escolar, a matéria.

Aqui no Brasil, o que temos são cursos de especialização onde você tem um graduado (não importa se da Psicologia, da Pedagogia) que vai se especializar. O caminho é esse mesmo: ter uma formação específica, e uma legislação que autorize, que regulamente, que reconheça essa profissão. Eu diria que é uma profissão. Até para poder ter na Psicopedagogia quem trabalhe com velhos, em instituições de terceira idade (por que não?), em fábricas, em hospitais, em centros culturais e em escolas, em grupo ou individualmente e em consultório particular.

A Psicopedagogia é uma prestação de serviços. O psicopedagogo é uma terceira alternativa.

## O testemunho de Maria Helena Novaes

Eu não estou autorizada, abalizada, a falar de publicações nesta área, principalmente porque não é a minha área de estudo. Entretanto, tenho estimulado muito o avanço neste terreno, na minha posição como diretora adjunta na pós-graduação; estimulado para que alunos, professores, procurem oportunidades de desenvolvimento desta questão, integradamente através de professores e alunos. Posso dizer nomes de pessoas que me chamaram a atenção neste campo: professora Maria Aparecida Mamede, que é uma especialista nesta área e que vem trabalhando na teoria e na prática com bastante competência; a professora Aglael. Acho que essas pessoas podem indicar a você nomes de pessoas atuantes no campo.

Aqui dentro desta universidade, a professora Elisa Medeiros vem procurando, também, aprofundar os seus estudos.

E há de um modo geral agora uma tendência. Eu creio que vamos ter a oportunidade de expor aqui, de formar um grupo de estudo, de trabalho e até de especialização na área da psicopedagogia. Estou pensando num curso de especialização onde pretendo localizar as pessoas mais atuantes. Mas tenho captado dos que atuam no campo, que a tendência é tornar a Psicopedagogia um campo de conhecimento do professor na escola de primeiro, segundo e terceiro graus como um elemento, como um fator realmente de transformação, de pensar o processo educacional, trazendo as teorias do desenvolvimento para, integrando as teorias da aprendizagem, realizar um processo harmonioso, um processo de desafio. É um desafio, que precisa contribuir para o enriquecimento da área e para a prática, de um modo especial para subsídios à política de ação, políticas educacionais neste campo. E criar um novo modelo escolar. Uma nova forma de trabalhar, uma escola alternativa que não seja uma não-escola, uma escola alternativa, de escolas alternativas que se espalhem por todos os lugares do mundo. Fazemos educação fora da escola, porque não pensar nestas várias instâncias, sem haver a separação. Vejo que por aí a gente pode encontrar uma integração das teorias do desenvolvimento, das teorias da aprendizagem, das teorias relacionadas à psicologia social para trabalhar a criança e o adolescente, a criança e o jovem na escola dentro do seu campo educacional, fora do seu campo precípua escolar, mas entendendo o que é todo este trabalho para preventivo e terapêutico.

*E a senhora não vê nenhuma possibilidade de reconhecimento desse trabalho do psicopedagogo como um profissional polêmico?*



Claro, claro, eu vejo que no trabalho psicoterapêutico e no psicopedagógico existem dimensões separadas. Acho que o conhecimento da clínica deve passar para aqueles que atuam mais diretamente com a prevenção, eu estou falando mais na democratização deste conhecimento, na socialização desse conhecimento, que ele não pode ficar restrito a uma clínica. É importantíssimo. Na clínica você tem o caso do indivíduo, o caso até duplo, mas você tem que passar isto para uma dimensão mais pedagógica, mais educacional, tornando o conhecimento mais acessível àqueles que podem estar, conscientemente, ou pelo menos inconscientemente, criando problemas, formando problemas. Aí sim nós estamos trabalhando uma ciência mais da modernidade, não é mais multidisciplinar, voltando aos princípios dos mais estudiosos da questão, não separar, portanto, aquele é psicopedagogo daquele que é psicólogo, que é educador. Acho que a psicopedagogia passa a ser não só a especialidade do profissional, mas passa a ser o conhecimento. Uma leitura diferente do processo educacional com a contribuição dos estudiosos da área seria na psicopedagogia em várias nuances, em várias dimensões.

O professor Mosquera é uma pessoa que a gente recomenda, um estudioso, sério, lutador, dessa questão, desse estudo, um defensor dessa dimensão dentro da educação em todos os níveis, como ele vem trabalhando.

## O testemunho de Marta Khol de Oliveira

Fiz o curso de Pedagogia na USP e logo depois um doutorado na Universidade de Stanford (EUA), pegando a estrada pelo meio do caminho, mas o fato é que estava dentro do programa de doutorado em Psicologia da Educação da Faculdade de Educação.

Eu tenho alguns artigos de revista e a coisa mais relevante, mais contemporânea, é a organização de uma coletânea dos textos dos psicólogos soviéticos, em colaboração com alguns colegas, que se chama “Linguagem do desenvolvimento de aprendizagem no contexto Vygotsky, Lúria e Leontiev”, e a tradução, também em colaboração com colegas, de um texto de Lúria: “Desenvolvimento cognitivo”; e outros materiais, que são artigos de revistas. No momento, eu estou escrevendo um livro sobre Vygotsky, que vai sair no ano que vem.

*Quem pode, hoje, no Brasil, representar ou exercer a profissão de psicopedagogo?*

Não sei, acho que é uma área em definição, está atualmente em transição, quer dizer, ela não tem um perfil muito claro, portanto acho que ela pode ainda absorver profissionais de várias formações, suponho que com o tempo ela vá tendo um perfil mais claro, mais específico do profissional, mas no momento eu acho que ela poderia ser exercida por psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos e tal, dependendo do interesse e do investimento desse profissional na atividade específica de psicopedagogia.

Eu acho que é uma área que se confunde com orientação educacional, de certa forma está tomando este lugar, porque ela é a função de um especialista na situação de sala de aula e de ensino aprendizagem regular, é como se fosse um suporte externo, lateral, mais ou menos.

E como *você vê* as questões das dificuldades de aprendizagem ou da pessoa com dificuldades?

Eu também acho uma área mal resolvida, que, de certa forma, tem uma abordagem, que não é a da psicopedagogia, mas é uma abordagem que está um pouco no ar, nas escolas e no professor que busca auxílio fora das salas de aula, que é uma abordagem, um pouco “medicalizada” eu diria, da dificuldade de aprendizagem. O aluno que não se comporta como aluno, regular, tem problema “patológico”,

merece atendimento especial. A gente, dentro da área da educação, deveria encontrar um espaço dentro da própria sala de aula para lidar com aspecto maior de *performance* dos alunos, quer dizer, tanto aquele aluno médio que respondeu, ao aluno que a gente imagina na teoria e no treinamento do professor e tal, como o aluno menos preparado para enfrentar aquela situação psicopedagógica prevista, ou o aluno que tem um comportamento diferente ou que traz uma cultura diferente. Como há várias, os grupos que estão dentro da escola e são muito mais heterogêneos do que o professor teoricamente espera encontrar, então penso que a situação e a pedagogia deveriam estar preparadas para lidar com espectro maior do que estão na sala de aula. Com isso, reduziria o espectro de alunos que a gente pudesse considerar necessitados de um auxílio externo.

Eu vou fugir um pouquinho do que nós havíamos inicialmente proposto. Como é que esse professor poderia ser preparado exatamente para saber até onde ele pode e deve atender, até onde ele não deve. Melhor dizendo, a partir de que limite não compete mais a ele, mas a uma função terapêutica? O que caberia à formação desse professor? Por que o que a gente vê, na realidade, é que os professores não sabem, nem se apercebem, exatamente, o que é uma normalidade ou uma anormalidade, é no geral.

Não só nesse aspecto, mas em todos os aspectos. A gente que lida na área sabe disso. A construção da competência do professor é uma construção muito complicada. Acho que ela se constrói na prática dele em interação com as teorias que ele possa ter desenvolvido. Uma das coisas que eu acho que falta na nossa escola é uma interlocução maior com o professor, por exemplo. O trabalho do professor geralmente é muito solitário, quando ele sai das quatro paredes da sala de aula ele está em atividades geralmente muito diretivas. São as reuniões pedagógicas ou atividades tipo conferências, palestras, cursos, mas ele não tem um espaço dentro da

rotina escolar para interlocução. Provavelmente, se ele tivesse um personagem intermediário, talvez fosse um orientador pedagógico mesmo, coordenador pedagógico ou algum tipo de profissional como o psicopedagogo, quando isso se definir melhor numa área, que pudesse fazer uma intermediação com o professor entre a teoria e a prática dele, ajudando a mapear as dificuldades dos alunos. É claro, sem falar nos problemas de sempre da estrutura da escola, do número de alunos em sala de aula, que ele pudesse ter um acesso mais individual às dificuldades dos alunos e a procedimentos individualizados, que ele pudesse atuar mais claramente, mas como eu digo, é um problema a definir o que é competência. Na verdade, o bom professor acaba sendo aquele que tem uma sensibilidade para as necessidades do aluno e para diagnosticar, mesmo que isso não corresponda a uma formação tão clara, quer dizer, a gente não tem na área da Educação e da Psicologia um modelo de diagnóstico e nem acho que seja desejado ter.

*Como é que Vygotsky contribui para Psicopedagogia?*

Acho que há dois aspectos: um deles subdividido ainda em dois que teriam no pensamento de Vygotsky a maior conexão com essa questão da psicopedagogia e das dificuldades de aprendizagem. Uma, é a tese de que o desenvolvimento ocorre num processo, que é histórico. Ao longo do tempo, esse olhar que Vygotsky tem é um olhar genético sobre as coisas, de olhar a gênese, buscar a gênese e nessa postura ele cruza vários planos históricos, tomando a filogênese, a ontogênese, a história do grupo cultural em que está envolvido e a trajetória individual que é única. Nesse sentido, quando se encara uma sala de aula com 30 crianças, você tem 30 trajetórias completamente particulares, mesmo que tenham coisas homogêneas, como todo mundo é ser humano, todo mundo tem a mesma idade, está numa certa faixa etária, pertence ao mesmo grupo cultural, mais ou menos; mas tem uma questão: a trajetória pessoal. Na

verdade, o material humano com o qual a gente está lidando é sempre diferente por definição. Essa ideia da transformação, da heterogeneidade, da dinâmica é muito presente ou muito facilmente retirável da teoria de Vygotsky, e, ligado com isso, acho que está esse ponto básico dele de que o homem é biológico, que existe um substrato biológico no funcionamento psicológico, mas que ele é cultural. A inserção do indivíduo no meio cultural específico é que dá a matéria-prima para o funcionamento psicológico, e isso é um dos aspectos.

Um segundo aspecto é a importância que Vygotsky dá à aprendizagem, na relação entre desenvolvimento. Não aprendizagem, no sentido de treino, mas de internalização daquilo que é dado de fora para dentro, na verdade, até comparando com Piaget, que supõe um caminho de dentro para fora, Vygotsky supõe de fora para dentro, quer dizer, existe um substrato biológico, mas o que está puxando, definindo o caminho desse percurso do indivíduo é o que ele recebe de fora. Assim, o papel da aprendizagem essencial para Vygotsky, como a trajetória de cada um, é completamente única. Nesse jogo é que a gente vai localizar a situação educacional onde se dá um processo pedagógico deliberado. Na escola, estarão interagindo essas várias trajetórias, dos vários alunos de uma classe e a situação de aprendizagem específica interferindo nesse desenvolvimento. Ainda há uma outra coisa importante de Vygotsky que é o papel da intervenção, deliberada, quer dizer, como ele não acredita num desenvolvimento espontâneo, ele é sempre provocado de fora para dentro, a intervenção pedagógica é um processo privilegiado no desenvolvimento, ele provoca desenvolvimento através de processos de aprendizagem. Eu acho importante especificar que essa ideia de intervenção deliberada não é necessariamente uma atividade pedagógica diretiva, não tem que ser instrução ou promoção de atividade onde o professor está falando o que o aluno tem que fazer

especificamente, mas a própria organização de ambientes educacionais, seja na escola, seja em situações informais de aprendizagem. Está mostrando um caminho para o indivíduo, ou seja, o fato de uma criança nascer numa casa onde as pessoas dormem em cama e não dormem no chão, na rede, ou comem de colherzinha, de pauzinho, ele já está sendo introduzido no que é o mundo humano, e o mundo humano para ele é aquele e não é outro. A cultura define qual vai ser o percurso dele, mais ou menos delineado. Nesse sentido, a intervenção de Vygostsky ganha um papel forte no sentido de uma posição mais espontaneísta, mas, por outro lado, esta intervenção está presente por definição em todo o ambiente humano, ela não é necessariamente planejada, embora a situação escolar seja uma situação onde se planeja, isso quer dizer objetivos pré-definidos, as coisas têm uma direção predeterminada.

*Não creio que tenho embasamento para dizer, apenas como me parece, às vezes, que Vygostsky confunde ou usa como conceito a palavra desenvolvimento e a palavra evolução. Estou correta na minha observação?*

Eu acho que sim, e acho que esse é um nó teórico importante de Vygostsky, que particularmente me incomoda bastante. Eu já falei isso em outras ocasiões, porque eu acho que, com a postura dialética de Vygostsky e a postulação dos sistemas abertos que ele faz, a gente não esperaria encontrar dentro do pensamento dele uma posição evolucionista nesse sentido. É evolucionista, claro, porque está falando em filogênese, em ontogênese, quer dizer, claramente ele está falando em percursos, em progressos. Mas ao longo do desenvolvimento do indivíduo, inserido em diferentes culturas, ele acaba deprimindo, embora ele não tenha chegado a desenvolver, talvez até por causa de ter morrido tão cedo, mas ele não tenha chegado a desenvolver uma frequência de estágios como Piaget fez, por exemplo, onde o desenvolvimento está todo desenhado, mas sempre

que ele estuda mais especificamente formas de lidar com certas questões, ele acaba fazendo uma avaliação que é do desenvolvimento. Acaba postulando que uma etapa é mais indicada que a outra, que tem pessoas que já fazem assim, outras não fazem assim, como por exemplo no estudo sobre aquisições de conceitos, é um percurso que obviamente na visão dele, um modo de lidar cada conceito de forma mais abstrata, superior ao modo pré-abstrato, ao modo “gráfico funcional” que ele chama no estudo com camponeses russos. Lúria faz, com base em Vygotsky também, parecer que as pessoas menos escolarizadas, menos modernizadas têm um funcionamento intelectual diferente, não está fazendo um julgamento intelectual diferente, não está fazendo um julgamento de valor propriamente, mas está implícito. Na verdade, está implícito que existe uma sofisticação maior, então, de novo a gente cai numa postura evolucionista que não seria de se esperar. Por outro lado, é um pouco difícil você falar em desenvolvimento sem pensar em modos de funcionamento diferentes, mas que o modo “três” inclui o “dois”, obviamente ele é, você pode não necessariamente dizer que ele é melhor, fazendo julgamento do ser humano inteiro, mas você acaba tendo que fazer um julgamento pelo menos de complexidade, sofisticação. Tem uma questão que é o parâmetro de quem estabelece *esses percursos do desenvolvimento, é sempre o seu próprio parâmetro na verdade, e como quem trabalha em pesquisa é um pesquisador, é um investigador, é um homem do século XX, provavelmente moderno, o referencial da gente é sempre um referencial urbano, letrado, escolarizado, tecnológico, científico. É muito difícil a gente ter uma compreensão profunda de um modo de funcionamento intelectual que seja diferente do nosso, ele acaba sendo comparado com o nosso, e em comparação com o nosso ele acaba sendo inferior, mesmo que com muitas aspas.*

Talvez não inferiorizado, mas massificado. Você dizia que para Vygotsky o importante é o que vem antes; o que leva

a pessoa ao desenvolvimento. Você falava em experiências que a pessoa vai realizando com a sua cultura ou através da sua cultura que vai provocando esse desenvolvimento. E toda essa bagagem, então, visto assim, o psicopedagogo se define como aquele que tem condições hoje, em educação, de fornecer aquela experiência individualizada que não foi possível à criança obter, vamos dizer, na sua convivência familiar, no seu grupo de origem cultural ou até mesmo *na* sua escola por ela ter sido tratada no grupo e não como indivíduo. Porque o psicopedagogo trabalha a individualidade, então ele vai proporcionar àquela criança exatamente aquela bagagem de experiências que ela não assimilou, que pode ter até passado por ela, mas não ter assimilado. Na visão de *Vygotsky seria isso a função do psicopedagogo? Fornecer esse número de experiências?*

Não sei se a gente poderia colocar assim, porque colocado assim está muito implícita uma ideia de padrão, que você tem do que é normal, quem saiu fora do normal, então tem que ser puxado para a normalidade. Essa associação que você faz com a teoria de Vygotsky seria como dizer que Vygotsky fornece um instrumental, uma legitimação teórica para esse procedimento. Eu não sei se daria para fazer essa conexão, embora eu também não saiba exatamente o que ele teria dito sobre a função do psicopedagogo, mas eu acho que a ideia clara é assim de que a situação educacional tem objetivos claramente estabelecidos pelo grupo social que institui a escola e que o desafio ao educador é trazer o aluno do ponto em que ele se encontra para o ponto de chegada que é estabelecido pela instituição, e é nesse percurso que ele pode encontrar dificuldades. Os personagens da escola, talvez o psicopedagogo, inclusive, teriam o papel de auxiliar o aluno nesse percurso. Como nem sempre o ponto de partida do aluno supõe o suporte em que a escola está, exibe o suporte que a escola está supondo, talvez ali



aconteçam os desvios que necessitam de uma ajuda específica, de uma ajuda externa.

Como refazer esta experiência para que a criança chegue naquele ponto desejado pela escola?

Ê, talvez, ajudar a criança a elaborar o seu próprio percurso à luz dos objetivos estabelecidos pela escola.

*Você acha que o psicopedagogo seria uma pessoa hoje importante na educação, seja na instituição seja na clínica?*

Eu acho importante a consciência por parte dos educadores e por parte do sistema da possibilidade dessa lacuna, quer dizer, a consciência de que talvez exista um espaço dentro da instituição escolar para um tipo de atividade que não é nem “remediativa” (tipo mandar o aluno para ludoterapia ou para fonoaudiologia) e nem regular (no sentido de só deixar ele na mão do professor), mas é esse caminho meio intermediário (aí que está), colaborando para resolver problemas que não chegam a ser patológicos, mas que necessitam de uma ajuda extra escola, embora, como eu tenha falado antes, eu acho que na verdade caberia à instituição encontrar uma forma de lidar com esses problemas, mas eu acho, como já disse, que a consciência da existência desse espaço é uma coisa importante.

Por outro lado, acho que a existência de um profissional como o psicopedagogo traz um risco, que é um risco que não é culpa do psicopedagogo nem da psicopedagogia, mas é um pouco dos vícios do sistema que é o fato de se ter um profissional que tem uma função “remediativa”, que conserta uma coisa que não está bem. Isto pode fornecer um referencial externo para o educador, o tempo inteiro, de saber que se não funcionar aqui, eu jogo para lá. Para Essa ideia de que você tem uma alternativa e que incentivaria essa visão de culpabilização do indivíduo e de medicalização da visão do professor sobre a situação, que é um pouco do que acontecia com o orientador educacional, com o psicólogo escolar, você sabe que tem uma figura profissional, que

tem a legitimidade técnica, que tem um lugar na escolar, então o que falhar na sala de aula, você já sabe o que fazer com ele. Se tudo funcionar bem, é perfeito, e é exatamente isso que deveria acontecer. Conseguir um profissional que supra as deficiências de uma situação. Conhecer o sistema, as condições de trabalho do professor, quer dizer, o sujeito trabalha com 40 crianças dentro da sala de aula, com certeza ele vai operar com essa ideia na cabeça, que bom, tudo bem, quando falar aqui eu mando para lá, que é um pouco o que acontece no Estado, não sei no Rio Grande do Sul, mas aqui há essas classes especiais, que supostamente funcionariam como uma classe para crianças com problemas sérios de aprendizagem, até beirando deficiências, e acaba sendo um depósito de crianças fracassadas, logo um depósito de crianças de classe social baixa, pais com pouca escolaridade etc. Então há uma confusão entre deficiência mesmo ou dificuldade séria de aprendizagem, que mereciam atendimento fora de sala de aula, e de fracasso por outras razões.

*Sobre Lúria você gostaria de dizer alguma coisa para nós, sobre a contribuição dele na visão de como se processa organicamente o desenvolvimento?*

Bom, acho que em termos de contribuição geral, Lúria está bem na orientação de Vygotsky, trabalharam juntos. O Lúria inclusive presta tributo a Vygotsky o tempo inteiro, baseou-se nele. Tudo que ele fez foi baseado em Vygotsky e a contribuição específica é nesse desenvolvimento da neuropsicologia que Vygotsky delineou, mas não trabalhou diretamente. O colaborador dele que mais desenvolveu foi Lúria, que tem um trabalho extenso nessa área. O que tem de mais interessante é essa ideia de substrato material do funcionamento psicológico como um sistema aberto que tem características estruturais dadas, mas que está em constantes interações com o meio. E um sistema que mesmo que se pense no órgão, no cérebro como uma coisa finita, as

possibilidades dessa situação são infinitas porque o órgão se expande para fora. Os instrumentos, os símbolos, os artefatos, a tecnologia, a ciência, tudo o que a gente, o ser humano, cria são como secção dele para fora do corpo, das limitações do corpo. O avião faz a gente voar mais rápido que as pernas, o computador faz a gente armazenar mais informações que a cabeça, então é uma coisa que não tem limite pela acumulação cultural, e o Lúria trabalha com isso, o cérebro como que constituído de sistemas funcionais que estarão em interação constante com o meio cultural.

Em termos de desenvolvimento infantil o que eu acho interessante, embora não tenha conhecimento tão detalhado da parte neurológica, é a ideia de que em diferentes fases do desenvolvimento, problemas neurológicos têm consequências diferentes, quer dizer, o sistema neurológico também evolui, ele tem esses processos genéticos. O cérebro da criança é estruturalmente igual, mas funcionalmente ele vai se montando de uma maneira que certas portas vão se fechando, de certa maneira quer dizer uma lesão cerebral numa criança que afete aspectos perceptivos bem específicos é muito mais grave na criança do que será no adulto que já tem uma elaboração conceitual maior onde não precisa mais da informação, da captação perceptual fina para poder construir os conceitos. A criança está ainda baseada muito na sensação da construção dos conceito e vice-versa. Áreas mais sofisticadas afetam mais o adulto do que a criança. Eu acho que é uma postura muito interessante. Como eu disse, não domino a ponto de dizer que lesão e onde causa o que, mas o Lúria tem estudos extensos sobre isso que eu acho que tem uma contemporaneidade. A neuropsicologia já evolui, não é tudo do Lúria que é aceito atualmente dentro da área, mas eu acho que esta postura genética é muito interessante, muito útil para o educador, para fazer a ponte entre o patológico e o normal, o doente e o anormal e o regular. A psicopedagogia talvez seja uma área, uma espera interessante para o aprofundamento, porque você está “pondo a mão” na fonte.

## O testemunho de Sônia Fonseca

A minha formação inicial foi em Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), depois eu fiz especialização em Psicopedagogia, também na UFRGS. Foi o único grupo que existiu na mesma instituição, funcionou de 1974 a 1975.

Logo após este curso, no início do meu trabalho de Psicopedagogia, com equipe multidisciplinar que tinha em Porto Alegre, na clínica do Dr. Nilo Fischner, e durante o período em que eu estive vinculada a esse grupo, eu fiz também especialização em Psicologia Corretiva, Psicologia piagetiana, também na UFRGS. E como eu acho que a nossa área é muito complexa, foi sempre em busca de formações complementares, que pudessem me permitir um diagnóstico e uma abrangência um pouco maior no processo diagnóstico, que fui fazer Psicologia. Iniciei o curso em 1976, em Porto Alegre.

Com relação à minha formação, acho que a psicopedagogia é realmente um campo multidisciplinar e sempre me vi um pouco insatisfeita no sentido de buscar mais elementos teóricos, aspectos que realmente me abrissem um pouco as possibilidades de ver os processos de aprendizagem, processos de desenvolvimento. No meu entender, é básico para as condições de aprendizagem a tentativa de ver esse processo e realmente poder, na prática, dimensionar níveis de funcionamento da criança, do adolescente, de uma forma mais abrangente. É nesse sentido que eu sempre busquei uma formação maior. Eu não sei se interessa também, mas no decorrer da minha experiência em clínica com Dr. Nilo, surgiu a ideia de fazermos esse curso de formação em Psicopedagogia que já vinha sendo realizado antes de eu entrar nesse grupo, mas sistematizando um pouco mais a formação nessa área em Porto Alegre. O Dr. Nilo teve sua formação na Argentina, em Buenos Aires, com o Dr. Quirós.

Foi o Dr. Nilo que implantou a semente da Psicopedagogia em nível clínico em Porto Alegre. Então, desde lá, também vem a minha intervenção em nível clínico no processo de formação na área de Psicopedagogia.

Na área de Psicopedagogia alguns processos de caráter emocional se desenvolvem de uma forma mais intensa ou na medida em que as dificuldades não são bem equacionadas. Então, nos adolescentes, com muita frequência, a gente vê problemáticas emocionais mais estruturadas em função de dificuldade de aprendizagem, talvez esta tenha sido uma das razões que tenha me levado também a buscar formação em Psicologia.

Mobilizou-me muito o trabalho na área mais cognitiva, vamos dizer no sentido de terapia cognitiva, dentro do âmbito da psicopedagogia, nesse sentido, talvez até pela própria faixa etária de trabalho, eu tive sempre uma prevalência por um trabalho de estimulação, no sentido de organização do pensamento com as relações que isto pode estabelecer com o processo de aprendizagem. Então meu trabalho clínico realmente tem essas duas vertentes, não invalidando em certos momentos o uso de algumas estratégias de caráter até mais psicopedagógico, dentro da psicoterapia, e às vezes manejos nitidamente psicológicos na atuação psicopedagógica.

*Como você vê o psicopedagogo?*

Eu vejo que embora seja um âmbito bem interdisciplinar, o campo da psicopedagogia, eu vejo bem claramente o foco de estudo do psicopedagogo. Eu acho que o objeto de estudo do psicopedagogo é o processo de aprendizagem, é o indivíduo que aprende, e acho basicamente que é justamente assim: compreensão dos fenômenos da aprendizagem nas suas vias habituais, no desenvolvimento normal da aprendizagem, como nas suas alterações, nos possíveis desvios que possam ocorrer nesse desenvolvimento. Vejo esse foco, o indivíduo que aprende, o processo de aprendi-

zagem, as suas alterações intimamente relacionados com a compreensão do desenvolvimento do indivíduo. Não consigo separar aprendizagem de desenvolvimento. Vejo que realmente esse profissional necessita de um sólido embasamento em termos de pautas evolutivas do desenvolvimento em múltiplas áreas. No âmbito da Psicopedagogia, no âmbito do psicodiagnóstico, no âmbito cognitivo propriamente dito, no sentido de desenvolver estruturas de pensamento, no âmbito emocional. Acho que a interação entre essas várias áreas dentro do profissional não se dá *a priori*, ela se dá com o fruto, sim, da experiência. Vai do desenvolver da sua prática clínica ou institucional. Eu falei mais clínica porque a minha experiência em nível terapêutico é basicamente clínica. A minha experiência institucional é muito maior em nível da formação do especialista. Acho que o psicopedagogo realmente na sua formação necessita não só de uma profunda capacidade de estudo, de abrangência, de integração nessas últimas áreas como também características pessoais muito definidas para esse tipo de atuação. Eu acho que em primeiro lugar muita sensibilidade, muita capacidade de relação interpessoal, um equacionamento razoável das suas próprias condições, uma avaliação criteriosa de aspectos de ordem pessoal que podem interferir no trabalho terapêutico para que possa realmente estabelecer uma relação de ajuda com seu cliente, com seu paciente, criança, adolescente. Acho que o psicopedagogo realmente é um profissional que vive uma relação terapêutica e como tal ela é única e acho que nenhuma relação terapêutica pode ser “mão única”, eu acho que não existem estratégias *a priori*, eu acho que as estratégias vêm como decorrência da evolução de um processo, da relação que se estabelece. E acho que as teorias são apenas um pano de fundo que a gente olha, vez por outra, e procura relacionar com aquele momento em questão.

Eu não sei se ficou bem claro, não que a relação e os aspectos pessoais sejam prioritários, a questão da formação, eu acho que são igualmente importantes. Acho que é um inter-jogo de variáveis pessoais, de variáveis também de formação e acho que é um inter-jogo dessas duas grandes vertentes, os aspectos pessoais do profissional e os aspectos de formação e embasamento teórico do profissional.

Eu realmente vou ter alguns tipos de teorias cuja ótica vai ser naquele momento mais prioritária, na minha leitura de alguns elementos que vão surgindo no processo. Eu te diria assim: teorias de natureza psicolinguística. Eu acho que uma compreensão do processo de desenvolvimento da leitura, da escrita na construção desse processo, os referenciais construtivistas são importantíssimos (na leitura dos processos de construção da leitura, escrita). Realmente, a teoria piagetiana traz muito embasamento, no sentido de compreensão desses processos e também dos processos de construção lógico-matemática. Acho que é esse um pano de fundo muito importante na leitura de muitos processos de natureza psicopedagógica. Também a psicologia dinâmica, ou seja, as compreensões dentro da teoria psicanalítica, que de forma geral, também me fornecem esses subsídios pela leitura de certos aspectos que envolvem a relação com a tarefa no sentido da energização ou não do indivíduo, no sentido de possíveis bloqueios que estão ocorrendo com relação a investimentos de energia na tarefa. Acho que quando se pensa nesse indivíduo em interação ou se pensa nesse indivíduo em grupo, em sala de aula, se pensa na ótica desse paciente, desse cliente dentro de sala de aula, dentro dos grupos que frequenta. Eu tenho que pensar também dentro de um referencial interacionista. Então, aí, realmente eu me situo na psicologia mais soviética, dentro da teoria de Vygotsky, Lúria, Leontiev. Eu acho que quando a gente tem um indivíduo único, quando a gente tem uma pessoa com toda a gama da sua complexidade individual eu não

posso vê-la através de uma teoria. Eu tenho que vê-la através da abrangência dos conhecimentos que nós temos até o momento. Não posso colocar esse indivíduo dentro de uma teoria. Tenho que buscar nas teorias segmentos que façam uma possível leitura mais clara desse indivíduo, uma análise mais coerente. As correntes, as teorias construtivistas, as teorias psicolinguísticas, as teorias interacionistas, eu acho que essas são as grandes correntes psicopedagógicas e a psicologia dinâmica de maneira mais psicanalítica.

Eu vejo, assim, que um dos aspectos, que talvez não tenha me referido inicialmente, que me deixou interesse em termos de verificar também motivações pessoais, no meu trabalho. Acho que desde a minha infância tive meu interesse por uma linha de trabalho de psicoterapêutica. Via muito claro, desde a adolescência, o interesse em trabalhar nessa área, e acho que foi muito importante a presença na minha adolescência de determinadas pessoas que me influenciaram muitíssimo no sentido do despertar intelectual. Acho que o Mosquera foi um deles. Tão estimulante, tão gratificante que me colocam no sentido quase do desejo sincero de poder representar para alguns dos meus adolescentes, pré-adolescentes, um tipo de modelo, no sentido do despertar intelectual, descobrir suas próprias potencialidades, e que talvez por diversas razões possam estar adormecidas ou bloqueadas ou não suficientemente estimuladas em função do tipo de exigências pedagógicas que a gente tem atualmente.

Eu vejo que o psicopedagogo é realmente o profissional cujo campo de atuação está muito claro, muito definido, não tem nenhum outro profissional que me pareça assim, que ocupe ou tenha a formação suficiente para esse tipo de trabalho. Então ele é um profissional do presente, um profissional do futuro, ele é um profissional que já deveria ter existido há muitos anos atrás, na medida que esses processos de aprendizagem e suas alterações foram sendo âmbito de atuação de outros profissionais que realmente



não estavam especializados na área de aprendizagem, mas que tentaram lidar em nível neurológico, em nível psiquiátrico com esses fenômenos. Eu acho que o psicopedagogo, em nível institucional, entra cada vez mais no sentido de acompanhar o professor, de acompanhar os técnicos, os especialistas dentro da escola. No sentido de auxiliar o processo de compreensão, do processo de aprendizagem, dos desvios e das possibilidades que existem de encaminhamento desses fenômenos, da resolução do equacionamento dessas dificuldades, em nível de sala de aula, predominantemente em nível de atividades complementares na sala de aula, mas no âmbito escolar. Eu acho que num país como o nosso, com as dificuldades tão sérias que nós temos, do ponto de vista socioeconômico, nós não podemos privilegiar a atuação clínica, eu acho que a atuação clínica é necessária em muitos casos, mas não é um atendimento que seja possível para a maioria da população brasileira. Não é solução.

Acho que existe a necessidade do atendimento clínico, existem outros grupos que privilegiam apenas o atendimento institucional, as duas coisas têm que existir. Acho que realmente o âmbito institucional é um âmbito mais abrangente, é um âmbito mais necessário eram termos da população brasileira necessitada deste tipo de ajuda e assim acho que ele é um profissional do futuro, na medida que ele pode realmente auxiliar também em pontes entre a criança, a escola, a família. Na medida que ele compreende como aquele indivíduo aprende, ele também pode auxiliar no processo de explicitação desse processo aos pais, à família, ele é um profissional, dentro da escola, que pode desempenhar um papel realmente muito importante, como integrador, como elemento relacional importante entre os dinamismos da escola, da família, focando o processo de aprendizagem, ele é como um auxiliar muito importante do professor.

## O testemunho de Wilma Barbosa

Eu trabalho como professora em nível de terceiro grau e trabalho com psicopedagogia clínica e faço formação familiar. A formação familiar foi uma consequência do trabalho de psicopedagogia e da experiência que tive como orientadora educacional. Eu trabalhava com os pais de uma forma intuitiva, com a experiência de vida que eu tenho e chegou num ponto que senti necessidade de procurar mais, saber mais.

Eu tinha feito graduação em Pedagogia e fiz Orientação Educacional numa época em que era aperfeiçoamento em nível de pós-graduação, então, no exercício da função de orientadora educacional, senti necessidade de me aperfeiçoar permanentemente. Fiz Arte, Funções Educativas Literárias, fiz especialização em Dinâmica de Grupo, fiz um curso de Psicomotricidade pelo Alberto Àbuchaim com a própria Dra. Simone. Foi uma longa caminhada, até que eu trabalhei numa escola para psicóticos e lá foi o máximo em matéria de curso de aperfeiçoamento, e um deles, a formação em Psicopedagogia com o professor Jorge Visca, que é diretor do Centro de Estudos Psicopedagógicos de Buenos Aires. Ele vinha periodicamente ao Brasil e assim foi feita minha formação com especialização em nível de pós-graduação, baseada no modelo de Buenos Aires.

De lá para cá psicopedagogia convergente, Piaget, as correntes teóricas em que me baseei. Piaget, no enfoque de todo desenvolvimento, a psicanálise e a psicologia social. Fiz também com o professor Visca a formação de coordenador de grupos operativos, que foi uma experiência que realmente deu uma guinada na nossa cabeça, e o grupo operativo como instrumento para aprender eu acho que é a didática correta para quem está no modelo formal, hipotético-dedutivo.

O grupo operativo foi sistematizado, desenvolvido por Pierre e o crânio da coisa por Pichon Rivière. Funciona as-

sim: o grupo discutia o tema, objeto de uma explanação. Eu estou particularizando operativo para aprender, embora a intenção inicial de Pichon é criar uma tarefa, ter um projeto e em torno da realização desse projeto ver como o grupo se organiza, como funciona o grupo operativo em termos de interação social, em termos de conhecimento. Eu acho uma maravilha, porque você assiste uma preleção, os momentos de desligamentos de uma pessoa não são os mesmos, na hora que você tem que fazer uma reelaboração do tema ouvido, há uma troca. Você entendeu, você me ensina. Para Celma pode ter estado claro e dessa troca do grupo há um enriquecimento muito grande, favorece o engajamento da pessoa toda até aquelas questões emocionais, a gente se desliga em determinados assuntos, em determinados aspectos, da troca entre o grupo *há* um enriquecimento muito grande.

Eu penso que isso tem uma comprovação com uma outra perspectiva que eu atualmente estou fazendo com a professora Alicia Fernandez, da Argentina, que tem alguns pontos teóricos divergentes, mas em termos de grupos operativos ela explica isso de outra maneira. Cada um de nós, ora funciona como ensinante, ora como aprendente, então os papéis não são rígidos, aquele que não sabe é uma posição ultrapassada, há troca de papéis. Eu percebo esse dinamismo, essa dialética de ensino e aprendizagem que a professora Alicia Fernandez coloca em termos de ensinante e aprendente como uma outra formulação neurodinâmica que ocorre no grupo operativo. O professor faz a colocação teórica, o debate, sob a coordenação de uma pessoa especializada para dinamizar à medida que o grupo emperra. Na equipe de coordenação de um grupo operativo, tem um coordenador e um ou dois observadores, um da temática, outro da dinâmica. Essa equipe de coordenação se reúne antes e depois, para ver como o grupo evoluiu e dá um *feed-back* para o professor dos assuntos que não ficaram muito claros, em que houve dificuldade de compreensão,

eu acho que enriquece muito. O grupo operativo tem outras utilizações, pode ser usado em orientação vocacional, pode ser usado de outra forma terapêutica.

*Nós estamos discutindo a psicopedagogia, e eu vejo que vocês dão ênfase ao grupo operativo como uma solução psicopedagógica.*

Sim, eu penso que é a solução para alunos que estão já raciocinando, formulando hipóteses, eu acho que é a modalidade.

É que tudo isso é reforçado do ponto de vista cognitivo pela observação de Piaget, como a inteligência se desenvolve na interação e como os grupos ajudam uns aos outros na modalidade de raciocínio, quer dizer, como a criança no operatório concreto poder ajudar as que estão num pré-operatório a evoluir ou chegar à transição, não é a homogeneidade do grupo, de estarem todos no mesmo estágio de pensamento, que vai favorecer, antes pelo contrário, a heterogeneidade favorece. O que raciocinam ainda muito ligados ao perceptivo, começam a raciocinar e perceber a realidade de uma outra maneira, quer dizer, eu vejo que isto está presente no desenvolvimento emocional e social.

*Você faz psicopedagogia clínica também?*

Sim.

*E na clínica você trabalha individual ou com grupos? Por quê?*

Olha, sempre que possível eu formo grupos. Agora há necessidade, num primeiro momento, do atendimento individual, evoluindo para o trabalho em grupo. Que dizer, quando a criança está muito dependente ou muito defasada ou muito confusa, muito discriminada, eu trabalho no vínculo comigo, como uma forma de refazer os vínculos negativos com a aprendizagem; quando a criança se sente mais segura, eu coloco no grupo. Agora, adolescente, é grupo direto. Uma coisa que eu também faço é o acompanhamento com

os pais, atualmente condiciono o trabalho psicopedagógico a um acompanhamento quinzenal com a família e quando as pessoas não aceitam eu digo que procurem alguém que trabalhe de outra maneira. Minha experiência me mostra que é fundamental. O trabalho psicopedagógico flui com uma rapidez incrível, porque, de acordo com a teoria de terapia familiar sistêmica, o aluno sintomático está pedindo ajuda para um conflito de casal, que por uma fragilidade eles não conseguem encarar, mas buscam ajuda para um filho, e na medida que se trabalha a família as coisas, os segredos podem aflorar e serem comentados. Há uma mudança muito grande, mas é a tal história, é preciso querer mudar e há pessoas que preferem permanecer no equilíbrio precário, “nem mexer”, aí a coisa fica clara, mas como eu coloco no término do contrato do diagnóstico e no início do contrato do tratamento, é uma opção. Eu não sou a única psicopedagoga no Rio de Janeiro, há muitas outras, então eles têm possibilidades. Para mim, eu estou absolutamente convencida que é fundamental.

*De certa forma o psicopedagogo já significou ou significa ainda para alguns uma certa ameaça. Como é que eles veem o psicopedagogo entrando num outro processo terapêutico, a terapia familiar, como está sendo visto no Rio de Janeiro?*

Olha, eu desdobraria tua colocação em duas. Primeiro, psicólogo *versus* pedagogo, fazendo psicopedagogia. A quem compete fazer psicopedagogia? Eu faço parte da ÂBPP cuja sede é em São Paulo. Sou diretora do Departamento Cultural Nacional. A direção nacional está batalhando pela regulamentação da profissão, isso implica a psicopedagogia sendo feita em nível de graduação, como é na Argentina. Lá você tem curso de Pedagogia, de Psicopedagogia e Psicologia. Do meu ponto de vista pessoal, a Psicopedagogia deveria ser uma especialização em nível de pós-graduação, porque a informação uma pessoa jovem pode ter, *eu* acho que é um trabalho que implica uma formação que implica

experiência profissional. Acho muito importante para você ser especialista de aprendizagem, que você tenha vivenciado o processo como professor. No caso do Rio de Janeiro, nós temos todos os cursos de formação em nível de pós-graduação. Há um que é ligado ao CEP em Buenos Aires, CEPERJ, que dá uma formação em Psicopedagogia Clínica, e os outros ligados à universidade, estão sendo feitos em nível de pós-graduação. Então, penso que a Psicopedagogia deveria ser uma especialização em nível de pós-graduação, mas acho fundamental que quem trabalha com isso tenha uma vivência de psicoterapia individual, e se conheça, para você poder lidar com os conceitos de Psicanálise sem se misturar. É muito importante que você se conheça, senão a “coisa” corre o risco de ficar confusa. Nos processos de transferência, todos nós temos nossos pontos cegos. É muito importante que você saiba, dê-se conta de quando uma história é parecida com a sua, quem é quem. Eu vivenciei isso muitas vezes no consultório, de histórias de vida com as quais me identifiquei maciçamente com o problema que a mãe estava vivenciando. É fundamental ter feito a minha análise, até para sentir se estou ansiosa, porque essa história mexeu tanto comigo. Foi um filme que eu já havia visto, sem perder a empatia, que também é fundamental.

É muito importante você se identificar com o outro desde que você se discrimine. Então, em termos de psicólogos, com a formação que eles têm, eles não têm uma especialização de aprendizagem, falta a eles um conhecimento de Pedagogia, que o pedagogo tem, como falta ao pedagogo um conhecimento de Psicologia Dinâmica, Psicologia da Personalidade, Psicologia do Desenvolvimento que o psicólogo tem mais que o pedagogo, a menos que ele tenha alguma especialização.

Em relação à terapia familiar, os institutos que fazem formação em terapia familiar, não colocam ser formado em Psicologia como pré-requisito. Eles aceitam todos os profissionais. No meu grupo de formação há muitos assistentes

sociais ligados a essa área, vamos dizer de educação da saúde. Já trabalham com família ou no INPS ou em hospitais ou em instituições, para eles é um enriquecimento, e a terapia familiar é muito nova. Então, ainda não representa uma ameaça. Eu acho que os psicólogos não se deram ainda conta de que isso está acontecendo, não. Eu estou falando em termos de Brasil e do que eu sinto em termos de Psicopedagogia, sem dúvida. O Conselho Nacional de Psicopedagogia de São Paulo já fez várias interpelações à diretoria da ABPP no sentido de que negócio é esse de ABPP invadindo a área que está prevista no estatuto do psicólogo, que a área clínica é do psicólogo.

*Então eu lhe perguntaria, como você define o psicopedagogo?*

Perguntinha difícil! Olha, eu acho que a pessoa do psicopedagogo tem que ter determinadas características, uma sensibilidade, ser capaz de se colocar no lugar do outro. Agora, quanto à formação eu acho que um psicólogo ou um professor ou um fonoaudiólogo ou um pedagogo que se especialize em aprendizagem (a gente teria que definir o que é aprendizagem), que se submeta a uma análise, eu acho que ele tem condições de trabalhar. É difícil definir.

Pois é aí que eu me pergunto o que é aprendizagem, se eu conceituo a aprendizagem sistemática ou aprendizagem intelectual. Eu penso que tem um sentido muito maior, que o professor Visca coloca e que assino em baixo, e que você encontra em outros autores também. As primeiras aprendizagens, a Alicia fala muito nisso, como se deram as primeiras aprendizagens, são modelos que vão influenciar a aprendizagem sistemática. A criança reproduz com a professora o vínculo que teve com a mãe, se a professora é muito parecida com a mãe e o vínculo que ela teve com a mãe não é bom, já é importante haver um outro modelo que vá refazer esse vínculo. Na casa da criança que tem dificuldade de relacionamento com a mãe isso se reproduz.

Eu, na minha experiência de consultório (uma hipótese), observo que todas as crianças que têm dificuldade de relacionamento com a mãe apresentam dificuldade na área de linguagem; na área de comunicação eu não pesquisei isso, mas constato uma correlação. Mesmo que você pesquise, por exemplo, uma causa orgânica por essa dificuldade, vamos dizer, uma disfunção.

Você sabe, o que acontece é que os casos puros ou não aprendem por disfunção orgânica ou não aprendem por motivo de ordem emocional ou uma defasagem entre a estrutura de pensamento e a proposta pedagógica. O desenvolvimento cognitivo e emocional estão implicados e uma criança difícil de “ligar” pode ser que originalmente tenha tido um desencadeante orgânico, mais pela convivência. O caso vai se complicando e fica muito difícil. Então, a gente faz um esforço de sistematização, de tentar isolar o obstáculo funcional, o obstáculo epistemofílico, epistemológico. Mas não é assim, a vida não é assim, não dá para setorizar, pegar só o cognitivo ou só o emocional.

Eu vejo, que na leitura psicopedagógica, ensinantes e aprendentes são dois modos de um só processo. Você deve levar em conta um aluno e um professor como pessoas que têm aspectos intelectuais, afetivos, orgânicos em interação. Isso se você “pega” um aluno e um professor. Mas, se você “pega” um professor e uma turma, o número de variáveis é muito grande e se você coloca numa perspectiva sistêmica, e o sistema familiar, aquela criança faz parte de um sistema familiar, como faz parte de um sistema escolar. Há uma metáfora em terapia familiar que eu acho muito bonita onde se retoma o *iceberg*, na Psicanálise se diz o que aparece dele é muito pouco comparado com o que está mergulhado no mar. Agora, imagine que esses *icebergs* estão dentro de uma corrente marítima que não está parada, o *iceberg* que num momento está num ponto, no outro dia está em outro ponto e em outra posição. É um dinamismo do sistema familiar, é um dinamismo do sistema escolar em interação.



Quando trabalho em psicopedagogia eu trabalho com a família e com a escola, troco o que estou percebendo, o que esta escola está percebendo e, às vezes, há coisas na escola que precisam ser retomadas, precisam ser revistas.

Então eu vejo um campo da psicopedagogia clínica, mas eu vejo também uma necessidade de trabalho dentro de psicopedagogia na escola. Isto aí é outro “tendão de Aquiles”, é outro ponto sensível, onde fica qual é o especialista de educação, o profissional que desaparece da estrutura escolar, será o orientador educacional, será o supervisor, se coloca um outro especialista?

Eu não vejo necessidade de um outro especialista, se os especialistas atuantes tiverem uma leitura e uma escuta psicopedagógica.

Muitas vezes se adota em educação um modelo médico, porque no Brasil não se faz pesquisa. Quando a gente entra em contato com as pesquisas que a equipe de Genebra faz e com as pesquisas que Emília Ferreiro faz é aí que realmente a gente pode teorizar a educação a partir da pesquisa.

Importamos modelos de outros países.

A equipe interdisciplinar é muito importante nos casos de diagnóstico de certas crianças em que a escola, mesmo sendo boa, não consegue resolver.

A escola é muito “chata”, aprender é muito “chato”, no consultório eu jogo com as crianças e elas descobrem que aprender pode ser divertido. Por que tem que ser chato? Se for alguma coisa calcada na realidade que tenha significado para a criança ela tem o maior prazer, o maior empenho.


Eu recebo crianças com queixas de não ter concentração, não ter atenção. Por quê? Porque a proposta, que o professor dá não tem nada a ver com o dia-a-dia da criança ou adolescente. Na hora que começar a discutir os problemas do dia-a-dia ele não tem problema para concentrar.

Temos na escola cúspides, nós sofremos a influência do movimento da escolanovista, em que o aluno é convidado a participar. Para o aluno o conhecimento viria a partir dos sentidos, da visão e da audição e o velhinho de Genebra (eu sou apaixonada pelo velhinho de Genebra) diz que a criança tem que agir, tem que experimentar, no que ela experimenta ela realmente constrói.

Então, se nós conseguíssemos que a escola fosse no lugar de aprendizagem de problemas, um prazer, um contato com a realidade, a nossa realidade. Nós temos uma área enorme, por que não escolas típicas rurais em que se aprendesse técnicas agrícolas. Eu vi isso no Rio Grande do Sul, uns 40 anos atrás, em Guaíba, um lugar longe do centro, uma escola paupérrima, mas com uma horta lindíssima feita pelos alunos. Esses meninos podem ser promotores de uma revolução de metodologia de trabalho agrícola em relação a seus pais. É a escola reformulando a comunidade, a serviço da comunidade.

Nós ficamos numa escola acadêmica como se o único caminho fosse o intelectual. A profissionalização séria que havia foi desativada por reformas, a gente deixa de fazer. Acho que está na hora de retomar, experiências passadas que foram boas e que foram interessantes.

# O psicopedagogo



*O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria e aquela contada por outros. E, de volta, ele toma a experiência daqueles que ouvem a sua história (BENJAMIM apud BOSSI, 1973, p. XIV).*

**I**nciei a caminhada na psicopedagogia em 1962, quando, em nossa primeira experiência, duas crianças se destacaram no processo de alfabetização. Valquíria, que aprendeu tão rapidamente e em maio já nos auxiliava, monitorando o estudo de outras crianças, e Martinha, que não podia reter nenhum conhecimento, cuja escola representava uma tortura tão grande que preferia trancar-se no banheiro do que conviver com outras crianças na sala de aula.

Nossa alegria de um lado e nossa impotência de outro levou-nos a questionamentos a respeito do que sabíamos e do que ainda deveríamos buscar saber.

A Psicopedagogia, surgindo na época, na Sede Sapientiae, com Mãe Cristina, mostrava-nos que a sala de aula era antes de tudo um “laboratório” onde deveríamos buscar saber: como a criança aprende, quais os seus sentimentos e emoções, como seu psiquismo influencia a aprendizagem, como estabelece relações, como está o seu organismo, e qual, fundamentalmente, deve ser o nosso papel em relação à criança, à família e à sala de aula.

No momento, concluímos que todo o educador é, antes de tudo, um psicopedagogo em potencial.

Por outro lado, o que dizem os nossos entrevistados também é, por certo, fruto da experiência e da busca constante destas respostas.

Entrevistamos ao todo catorze profissionais, que produziram relatos muito ricos para o entendimento de nosso trabalho. A seguir, compilamos várias passagens resultado das entrevistas dentro das temáticas identidade, funções e atribuições.

## Identidade

No dizer de Alicia *“ser psicopedagogo não tem só que ver com uma postura teórica, como usar um determinado conhecimento teórico, senão (...) que tem que ver principalmente com uma postura ética”*.

Nossa primeira escolha aponta dois aspectos implícitos na atitude e identidade do psicopedagogo: o ter conhecimento e o ter ética.

A ética liga-se à situação de demanda, como diz Alicia, “de que lugar se situa o sujeito pensante”. Aponta para o papel do psicopedagogo, ou seja, o de devolver ao “aprendente” o prazer pelo aprender. Não seria ético que o psicólogo, na função de psicopedagogo, renunciasse à questão do aprender, como não seria ético ao fonaudiólogo, ao pedagogo omitirem-se desta tarefa quando necessariamente fossem solicitados a desempenhá-la.

Mais do que normativa, do que técnica, a ética deve responder à demanda do cliente. Questiona-se, assim, os modelos clássicos e científicos como sendo os únicos verdadeiros. A criança atrapalhada e aprisionada em suas dificuldades leva-nos a pensar em modelos alternativos para reconquista de sua capacidade.

Freud aponta a ética como suporte e o sustento da vida. É a ética ou por ela que se estabelece o contrato. Qual o contrato do psicopedagogo?

É necessário lembrar que diploma, registro e reconhecimento profissional não garantem a ética. Ela se realiza na obra, na consciência pessoal e no estabelecimento de princípios.

Lino lembra que o *“psicopedagogo preenche um vazio (...) ele trabalha com conteúdos escolares se ele quiser, ele trabalha com a organização do trabalho da criança, mas num contexto diferente do professor. Ele pode fazer uma análise da questão, da relação professor/aluno, do porquê da criança não aprender, dos distúrbios da aprendizagem, numa ótica que não é nem psicológica, nem pedagógica, porque ele trabalha com outros recursos”*.

Apresenta-nos, assim, um delineamento da profissão que se alarga e se estende a diferentes funções, mas cuja ética exige um comportamento único e comprometido, fundamentalmente, com a aprendizagem e suas implicações.

Na verdade, o que observamos é a aceitação da existência desse profissional baseada, principalmente, na necessidade e na demanda. No entanto, não há clareza de quem ele seja, de que formação necessite e qual o seu real papel. (Talvez a maior dificuldade no reconhecimento legal dessa profissão seja o conflito que se estabelece). Essas colocações, que nos apontam para uma identidade e não para uma formação profissional, ou seja, qualquer profissional pode desempenhar a tarefa psicopedagógica, cujo foco de trabalho seja aprendizagem. Todos, em qualquer situação de ensino-aprendizagem, que possuem a leitura, a capacidade para ler interdisciplinarmente as questões do ensinar e do aprender, desempenham o papel de psicopedagogo e se situam como tal.

Mas a que se refere esta leitura?

Na análise que fazemos, leitura e escuta se fundem como sinônimos de uma única situação. Significam e simbolizam a capacidade e o saber implícito na figura do psicopedagogo. Supõem um conhecimento amplo que permite perceber todas as implicações do fenômeno pedagógico em questão. O ser que aprende, aprende com todo o seu organismo. A leitura-escuta só acontece quando o conhecimento, a experiência e o desprendimento (fruto do autoconhecimento) permitem analisar as intenções, tendências e ações que movem o aprender.

“A partir disso, infere-se que conhecimento e aprendizado são um processo orgânico, não têm olhos, não tem ouvidos, não têm nariz e nem cérebro” (VIDOR, 1992, p. 31).

Com esta colocação, o autor nos auxilia a compreender a fenomenologia implícita na atitude psicopedagógica. O psicopedagogo não pode, portanto, partir de conceitos, preconceitos, a priori estabelecidos pela ciência. A ela caberá construir a ciência psicopedagógica que se movimenta diante de cada nova situação ou fenômeno da aprendizagem.

A ciência psicopedagógica está depositada no “como” se chegou a este saber, a reconhecer a leitura-escuta como formas únicas, implicadas num número de operações objetivas, realizadas diante do ensino e da aprendizagem, mas que buscam a consciência entre o ser, o saber e o reconhecer.

Há uma simbiose entre o objetivo e o subjetivo, o momento evidenciado e o restabelecimento de certa integridade. Torna-se difícil, em nossa análise, separar identidade, funções e atribuições e ciência psicopedagógica. No entanto, ao buscarmos a identidade, deparamo-nos com o profissional cuja cientificidade se apoia no subjetivo, na interação que permite uma leitura-escuta que vai além da ação, da linguagem implícita ou explícita, e pede passagem ao íntimo do ser para ver e resolver a situação que o aprisionou, como diz Alicia.

Vários de nossos entrevistados afirmam que sua teoria está implícita nestas colocações. Segundo Maria Célia Rossetto são três os pilares que sustentam a ação psicopedagógica: o saber, a experiência e o autoconhecimento, e Vilma Barata Barbosa afirma, categoricamente, que “ele “ deve ser um profissional que tenha especialização em aprendizagem e se submeta a uma análise.

Tomando como fonte o ensinamento de Vidor, “um pesquisador que estiver contagiado por componentes estranhos à própria realidade interna, ou enquanto a sua funcionalidade interna estiver alterada, não terá condições de ser guia do saber humano” (1992, p. 39).

A identidade do psicopedagogo está ligada, fundamentalmente, em ele executar a sua tarefa sem a influência externa dos conceitos e sem a influência interna de conflitos desconhecidos e/ou não reconhecidos por ele.

O dizer de Maria Luiza Gomes Pereira, representante do Centro Estadual de Estatística, Pesquisa e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (CEPERJ) em 1992, nos questiona sobre a amplitude do papel psicopedagógico: *“Acho que o CEPERJ pensa o psicopedagogo como aquele que pensa a aprendizagem. Como aprendiz é um conceito muito amplo, então o psicopedagogo é este elemento que vai trabalhar nesta inter-relação dos diferentes espaços do sujeito”*.

Maria Luiza dá ênfase especial à aprendizagem vista sob vários enfoques: todas as inteligências, todos os lugares, todas as culturas, todas as idades ou ainda todas as experiências, todas as relações, todas as aquisições, todas as condições que o indivíduo possui para aprender e que determinam esta mesma aprendizagem.

Retomando as definições, podemos mais claramente observar os pontos de convergência e divergência e os de maior relevância.

Para Alicia, ser psicopedagogo tem a ver com uma “postura” teórica e ética diante daquele que chega “atrapalhado”, numa situação que o deixa com uma imagem de incapacidade diante de si mesmo.

Para Elcie Fazano Massini, é uma área que lida com os processos de aprendizagem em todas as suas dimensões.

Para Lino, é uma profissão, uma prestação de serviço que envolve todas as questões de aprendizagem numa ótica que não é nem pedagógica, nem psicológica, mas que representa a intersecção de várias ciências.

Para Aglael e Vilma, uma especialização, que representa um eixo para a interdisciplinaridade.

Para outros, é um profissional que vive uma relação de ajuda e como tal ela é única e que estuda as questões de aprendizagem e do desenvolvimento.

Podemos dizer que a identidade desse profissional está ligada à sua ética, à sua postura teórica, à forma de abordagem multi e interdisciplinar, ao seu “pensar a criança” que cresce e aprende e ao seu campo de ação.

Podemos notar diferenças regionais a respeito da identidade desses profissionais. Para muitos, há uma preocupação em definir este profissional como um da instituição, do auxílio à ação de especialistas e professores e um auxiliar no diagnóstico e encaminhamento da criança.

Para outros, a preocupação está no atendimento com os grupos de ação psicoterapêutica e psicopedagógica, e, notoriamente, com os grupos de classes populares. A ênfase também recai na pesquisa psicopedagógica e na ação institucional.

Ainda há os que pensam nos atendimentos clínicos. A preocupação com a instituição e as classes populares também são objeto de pesquisa psicopedagógica, principalmente no que diz respeito ao emprego de metodologias de ensino-aprendizagem, mas a presença do psicopedagogo na instituição ainda é muito pequena.



Na Argentina, como a ação psicopedagógica em seus primórdios esteve ligada à formação do psicopedagogo, a ênfase recai, também, sobre a clínica, não descuidando, no entanto, da pesquisa da aprendizagem na sua gênese.

## Funções e atribuições

Quando uma ação está determinada por uma teoria possui definição e ética, tem seu campo de trabalho estabelecido, pode-se dizer que constitui uma profissão. Especialmente se considerarmos a profissão como um ato de proclamar e de utilizar e/ou um conhecimento empírico, através de ocupação especializada.

Falávamos da ética, dos primórdios que envolvem o fazer psicopedagógico e dos seus princípios, de suas relações com outras ciências e de sua característica multi e interdisciplinar. Falávamos, também, que seu conteúdo de trabalho é aprendizagem e que sua ética está depositada nos valores que regem a relação existente entre o indivíduo que ensina e o que aprende, entre conteúdos e métodos, entre aprendizagem e desenvolvimento, entre o indivíduo e o grupo, e entre os aspectos psico-físico-sociais do ser humano.

Ao levantarmos as questões relativas às funções e atribuições, não somente estaremos definindo este especialista como um profissional, como estaremos estabelecendo as relações com as outras ciências e ou profissões da mesma área ou afins.

O psicopedagogo, em suas funções, trata da patologia da aprendizagem como também lida com a gênese do aprender; tem compromisso com o indivíduo, com o grupo e com a instituição; encarrega-se de analisar aspectos emocionais e pedagógicos; está comprometido com a instituição e com a individualidade de cada um; busca nas teorias segmentos que façam uma possível leitura deste indivíduo, desta instituição.

É um profissional apto a analisar, avaliar, compreender e trabalhar com o indivíduo que aprende. Esta análise tem conotações diferenciadas porque, se de um lado delimita a ação psicopedagógica, de outro, estabelece uma amplitude ligada às questões que envolvem o ensinar e o aprender.

Analisar e avaliar o ser humano exige conhecimentos e uma praxis que envolve as áreas psico-físico-sociais do fenômeno único que diz respeito a “como o indivíduo aprendente”.

Aglael define o trabalho psicopedagógico como um suporte aos especialistas escolares no trato com os problemas da aprendizagem, com as crises, com a normalidade e com as patologias. Vê o psicopedagogo, assim, não como um profissional especialista, mas como um pesquisador das duas áreas, Psicologia e Pedagogia, cujo centro do estudo é a aprendizagem e o papel fundamental é o suporte à instituição. Referindo-se ao assunto, diz que é preciso “favorecer para que os especialistas na escola possam perceber melhor essas diferenças de aprendizagem”.

O trabalho psicopedagógico supõe a função de criar um modelo escolar, buscar nova forma de trabalhar como na escola alternativa onde se faz e pensa a educação dentro e fora da escola.

Supõe também um papel preventivo, uma preocupação com a saúde do indivíduo, com a saúde da instituição.

Há uma indefinição da ação psicopedagógica. O foco do estudo está claro, mas as funções, os papéis, confundem-se com o do professor, do orientador educacional, do psicólogo e de outros profissionais que atuam mais significativamente nas escolas.

Podemos inferir que a função psicopedagógica, ou seja, a ação ligada aos processos do aprender e do ensinar, explicita-se nos papéis do coordenador pedagógico e do orientador educacional enquanto ligados à instituição

escolar. O coordenador exerce a função psicopedagógica preventiva ao trabalhar as questões ligadas ao conteúdo, programas, métodos e consequente avaliação. O orientador educacional exerce uma função de caráter terapêutico ao tratar dos problemas de aprendizagem advindos da relação do aprendente com o ensinante, do aprendente com o fazer pedagógico. Mas nem sempre estes especialistas têm clareza desta função psicopedagógica.

O psicopedagogo assume, assim, um papel intermediário que Lino reforça como sendo uma prestação de serviço, uma terceira alternativa que não é nem do professor, nem do psicólogo, cuja atribuição é de “restaurar uma relação boa da criança com a matéria escolar”. Sua atuação, contínua, não está restrita à sala de aula, mas aos laboratórios, oficinas, clínicas, e suas funções perpassam pela análise dos jogos, das aprendizagens, pelo conhecimento das estruturas, num trabalho que pode ser tanto preventivo como terapêutico, de grupo como individual, em instituições escolares, hospitalares, industriais, centros ou clínicas e se prestam a qualquer idade.

Esclarece, dessa forma, nosso entrevistado, que existe o espaço para do psicopedagogo também na instituição, embora suas funções pudessem ser exercidas pelos outros especialistas por nós já comentados. No entanto, somente na função psicopedagógica, encontra a necessidade de uma formação interdisciplinar.

Quando Alicia Fernandes diz que o papel psicopedagógico é de “*construir espaços onde a autoria do pensamento seja possível*”, reforça a palavra de Lino, que não limita a ação num espaço físico ou funcional, mas também confirma que o único limite do saber e da ação psicopedagógica é o enfoque fenomenológico e interdisciplinar que o mesmo deverá dar às questões relativas ao aprender.

Entre as funções e atribuições do psicopedagogo, destacam-se: construir espaços para o saber; prevenir, preparar


e acompanhar o processo de aprendizagem do indivíduo; diagnosticar, atuar junto ao indivíduo e ao grupo, avaliando e propondo situações de prevenção, tratamento e terapia; pesquisar e estudar os processos de aprendizagem; criar métodos, modelos e técnicas psicopedagógicas.

Comparando nossas conclusões ao que já foi dito pela Associação Brasileira de Psicopedagogia, não cremos ter acrescentado dados muito diferentes daqueles que já haviam sido declarados pela mesma, mas pudemos rever como nossos entrevistados interpretam a função psicopedagógica e a ela dão vida e forma.

O psicopedagogo aqui foi descrito como o artista que constrói e cria a sua arte; como o músico, que “nota-a-nota”, busca a harmonia dos sons, assim também compete ao psicopedagogo buscar a harmonia que existe no interior de cada um. Como o pintor, que nas cores e nas formas encontra a identidade de sua obra, também ao psicopedagogo compete auxiliar na construção desta mesma identidade. Deve, ainda, ser o cantor, dançarino... que, identificando e interiorizando a obra do criador, dá a ela a expressão e a beleza, dá o amor. Assim, também ao psicopedagogo compete arrancar da criança, do adolescente ou do velho a expressão do amor aprisionado.

Aquele que não encontrar a beleza na arte do “ensinar-aprender” não se construirá um psicopedagogo.

# Considerações finais



Este momento, sem dúvida, torna-se fundamentalmente importante, pois estabelece os vínculos do estudo com o discurso das evidências, com as teorias e as filosofias e propõe, ao concluir, o perfil do psicopedagogo, uma política de trabalho, tanto para os psicopedagogos como para a associação que os congrega e representa.

Quando a Associação Brasileira de Psicopedagogia estabeleceu o perfil do psicopedagogo, entre outros aspectos de relevância, mostrou-se preocupada com os aspectos éticos, ligados ao limite de sua ação, uma vez que os limites do conhecimento jamais poderão ser estabelecidos.

Ao se estabelecer o objeto de ação como “o ser que aprende”, implicitamente se estabelece que a teoria e o fazer psicopedagógicos vão além das fronteiras de uma única ciência e além da própria ciência, porque o fenômeno que se revela pela aprendizagem nem sempre pode ser medido, avaliado, conceituado, mas pode ser sentido, percebido.

O ser que aprende é o ser como um todo, não somente um corpo, mas também uma alma; não o indivíduo, mas também o social, o cultural; não o consciente, mas também o inconsciente; não somente o cérebro, a mão, o pé, mas ele inteiro; não somente a inteligência, o pensamento, a memória, o raciocínio, todos juntos; não apenas no silêncio,

na solidão, na concentração, mas também no barulho, na atividade, na dispersão; não somente na alegria, na felicidade, no prazer, mas também na dor, na saudade, no sofrimento... a cada momento. E é isto que nos faz humanos: não somente nossa consciência, mas o poder pensar e o poder não pensar; o poder fazer e não fazer... o escolher.

Outros seres da natureza também aprendem, mas não “aprendem”. Nós humanos, aprendemos e apreendemos, tomamos posse e como possuidores usamos e abusamos, criamos, modificamos, transformamos e crescemos, evoluímos.

Como delimitar o pensamento que se propõe a trabalhar com tão larga dimensão: a do aprender e a do “apreender”?

Sua ação (do psicopedagogo) pode ser limitada, isto é, trate o corpo adormecido, entorpecido, mal equilibrado, desconjuntado e agredido, mas não como médico. Trate a alma sofrida, marcada, temida, despreparada, assustada, entorpecida, mal amada, mas não como um psicólogo, um psiquiatra, um psicanalista. Trate a relação, a linguagem, as trocas, os afetos, as comunicações, os grupos, as instituições, os velhos, os jovens, os adolescentes e as crianças, os negros e os brancos, os pobres e os ricos, mas não como um analista, um neurologista, um neurolinguista, um fonoaudiólogo, um motricista. Seja apenas, e tão-somente, um mestre, alguém que acredita que todos aprendem e apreendem, cada um a seu modo, a seu tempo e com seu espírito criador. E, se puder reunir todos estes conhecimentos – do médico, do professor, do psicólogo, do linguista, do fonoaudiólogo, do motricista – numa única ideia integradora sobre o ser que aprende e apreende, sem dúvida, terá se formado um psicopedagogo.

Quando entrevistamos, ouvimos e analisamos a fala de cada um de nossos escolhidos, pudemos perceber que o conceito de ser que aprende era o grande suporte teórico e filosófico, dirigindo a ação e a consciência de cada um deles.

“Se as condições de desenvolvimento de um ser humano forem as que mais possibilitarem seu desenvolvimento natural, menos ele precisará de terapia” (MASSINI, 1988).

Também neste aspecto, a ação psicopedagógica sobrepujava as teorias, embora em seus princípios permanecessem respeitadas: o tratado da gênese da aprendizagem, da subjetividade nas relações, fosse qual fosse a teoria de suporte, ela não era a única, o que permitia um senso crítico e uma dialética no entendimento do indivíduo com sua aprendizagem.

Algumas expressões deixaram muito claro o que acabamos de dizer. Alicia nos fala do prazer que o aprendente deve ter para aprender, para ler.

Elcie Massini levanta um protesto ao colocar que “a gente lida com a possibilidade de uma criança que pensa tão bem fora à escola, que é tão criativa e que tem tanta possibilidade de organização, porém quando chega na escola ela sofre uma paralisação. Ela torna-se uma criança decoradora de coisas, repetindo o que a professora diz e perde toda a sua capacidade de elaboração”. E continua, dizendo que a aprendizagem significativa é a elaborada pelo aluno.

Elcie e Alicia colocam a situação de que aprender é um ato pessoal e intransferível, um ato do desejo. Alicia nos diz, claramente: “o gesto é o movimento atravessado pelo desejo, pela inteligência”.

Para ambas, o respeito ao sujeito que aprende é algo fundamental que implica liberdade na construção de uma ação espontânea, no compromisso com a dignidade e com a criação e o despertar de interesses e desejos que garantem esta mesma dignidade.

Lino, com linguagem simples, nos diz que o psicopedagogo deve gostar de criança ou daquele que aprende, dos aspectos pedagógicos e psicológicos nela implícitos, e Marta Khol de Oliveira confirma este respeito ao nos dizer que é pela apren-

dizagem que acontece o desenvolvimento e que a intervenção pedagógica é um processo que nunca poderá ser diretivo.

Sônia lembra que toda ciência deve estar a serviço do homem, quando nos diz: “não existe estratégias *a priori* (...) elas vêm em decorrência da evolução, de um processo de relação que se estabelece e acho que as teorias são apenas um pano de fundo que a gente olha, vez por outra, e procura relacionar com aquele momento em questão”.

Neste momento, sentimos o desejo do estudo e da escrita da teoria psicopedagógica, talvez o elemento integrador que irá definir, mais claramente, o perfil desse profissional.

Sem dúvida, falamos de uma especialização que, no entanto, a nosso ver, poderá ser também construída num curso de graduação, caminho mais fácil para seu reconhecimento legal. Como profissional da área da Educação e da Saúde terá que, obviamente, ter seus estudos alargados e avançados, durante anos, por estágios, pesquisas, treinamentos e cultivos pessoais.

Comparando as nossas conclusões com as da Associação Brasileira de Psicopedagogia, definimos, assim, o perfil do psicopedagogo: *profissional da educação e da saúde, que por sua formação interdisciplinar estaria apto, auxiliado por equipe de especialistas de outras áreas, quando se fizer necessário, professores, alunos e família, através de técnicas especiais, a sondar, diagnosticar, analisar, tratar, acompanhar, auxiliar, criar, pesquisar, restaurar todas as questões ligadas aos processos de aprendizagem e seus problemas em quaisquer situações e ou circunstâncias, dando a cada uma delas os ramos que melhor convier, respeitando, acima de tudo, o ser que se constrói, motivado por verdadeiro amor e profundo respeito.*

É uma especialização interdisciplinar, mas acima de tudo interrelacional.



# Referências

AJURIAGUERRA, J. *A dialética em questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

\_\_\_\_\_. *A dinâmica da transferência*. Porto Alegre: Artes Médicas, [s.d.], v. 7.

\_\_\_\_\_. *A escrita infantil: evolução e dificuldades*. Porto Alegre: Artes Médicas, [s.d.].

\_\_\_\_\_. *Algumas reflexões sobre a psicologia escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, [s.d.], v. 13.

ANTIPOFF, Otrília. *Educação do excepcional: manual para professores*. Rio de Janeiro: Pestalozzi, 1974.

ANTUNHA, E. L. G. *Distúrbios da aprendizagem: aspectos diagnósticos e terapêuticos*. São Paulo: USP, 1972. (Tese de doutorado).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. Boletim n. 12, São Paulo, jun. 1990.

AUCOUTURIER, Bernard; DARRAULT, Ivan; EMPINEI, Jean Louis. *A prática psicomotora: reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 239 p.

BOSSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: USP, 1973.

BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica*. trad. Ana Mazur Spira. 4. ed. Rio de Janeiro: IMAGO, 1987.

COLL, César. *Conocimiento psicológico y práctica educativa*. Introducción a las relaciones entre psicología y educación. Barcelona: Barcanova, 1988.

DORNELES, B. *Considerações sobre o trabalho de reeducação baseado na teoria psicogenética de Piaget*. [s.n.t]. (mimeo).

FREIRE, Paulo e Col. *O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon Revière*. Trad. Lúcia Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1977.

GOULART, Íris Barbosa. *Piaget, experiência básicas para utilização pelo professor*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

GREESON, Ralph R. *A técnica e a prática da psicanálise*. Trad. Marina C. Celi-donio. Rio de Janeiro: IMAGO, 1981.

JUSTO, Henrique. *Cari Rogers*. Porto Alegre: Santo Antônio, 1989.

KOWARZIK, Wolfdientrich Schmied. *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Brasiliense, 1988.

KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Seipione, 1989.

LÚRIA, Aleksander Romanovich. *Fundamentos de neuropsicologia*. Trad. Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

LUZURIAGA, T. *La inteligência contra si mesma: nino que no aprende*. Buenos Aires: Psique, 1972.

MASSINI, Elcie Salzano. Enfoque fenomenológico da pesquisa em educação. *Revista Psycó*, 1988.

MERY, Janine. *Pedagogia curativa escolar e psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MONTESSORI, Maria. *A criança*. Trad. Adília Ribeiro. 4. ed. Portugal: Portugal, 1969.

\_\_\_\_\_. *Formação do homem*. Rio de Janeiro: Portugal, [s.d.].

\_\_\_\_\_. *Mente absorvente*. Trad. Pedra da Silveira. Rio de Janeiro: Portugália, [s.d.].

\_\_\_\_\_. *Para onde vai a educação*. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

PATTO, Maria Helena de Souza. *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: Queros, 1991.

PIAGET, Jean. *O raciocínio da criança*. Trad. Valerie R. Cahves. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1967.

\_\_\_\_\_. *Problemas de psicologia genética*. Rio de Janeiro: Forense, 1973. 157 p.

RANGEL, Ana Cristina Souza. *A teoria de Jean Piaget e o desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

RICHARD, G. *Psicanálise e educación*. Barcelona: Oikos-Tau, 1972.

ROGERS, Cari. *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes, 1973.

SCOZ, Beatriz; Judith, LIMA Lima et al. *Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 380 p.

\_\_\_\_\_. *Psicopedagogia, contextualização, formação e atualização profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

VIDOR, Alécio. *Rogers e a educação não diretiva*. Passo Fundo: Berthier, 1974. 197 p.

\_\_\_\_\_. *Uma nova psicologia para a pedagogia*. Santa Maria: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 1992.

VISCA, Jorge. *Psicopedagogia: novas contribuições*. Trad. e org. Andrea Moraes e Maria Isabel Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, Lev Senynovich. *El proceso de formación de la psicología marxista*: L. Vygotsky, Leontiev, Lúria. Moscou: Progreso, 1989.

\_\_\_\_\_. *Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto, 1979.





Com uma linguagem clara e objetiva, Marisa Potiens Zilio esclarece a importância da identidade, das funções e das atribuições do psicopedagogo no exercício profissional. Esses profissionais possuem um campo amplo de ações, que vão além dos conhecimentos da área psicológica e pedagógica. Isso tem gerado uma discussão quanto às funções que esse profissional exerce e às áreas em que ele realmente atua. A regulamentação da profissão torna-se uma tarefa bastante árdua, sobretudo porque seus papéis são constantemente confundidos com os do professor, do orientador educacional, do psicólogo e de outros profissionais que também atuam nas escolas.

De acordo com a autora, o psicopedagogo assume um papel intermediário, que vem principalmente da necessidade de cuidar das crianças, de estudar e de lidar com os processos de aprendizagem e suas dificuldades. Esse profissional é muito importante, pois a ação psicopedagógica, quando aplicada de forma eficiente, pode resgatar a saúde da criança e, inclusive, da escola. Para sintetizar as funções e os proveitos dessa especialidade, bem como, para colaborar com o reconhecimento legal da profissão, a autora investigou o pensar psicopedagógico, a interdisciplinaridade e o perfil de vários profissionais psicopedagogos atuantes. Esse cuidado garantiu uma abordagem crítica suficiente para esclarecer diversas dúvidas em torno do fazer psicopedagógico.

ISBN 978-85-89769-91-4



[www.meritos.com.br](http://www.meritos.com.br)